



UFES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO

FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES E LIDERANÇAS QUILOMBOLAS DE SAPÊ DO NORTE EM CONCEIÇÃO DA BARRA-ES



Noélia da Silva Miranda de Araújo
Orientadora: Patrícia Gomes Rufino Andrade

Vitória, 2020

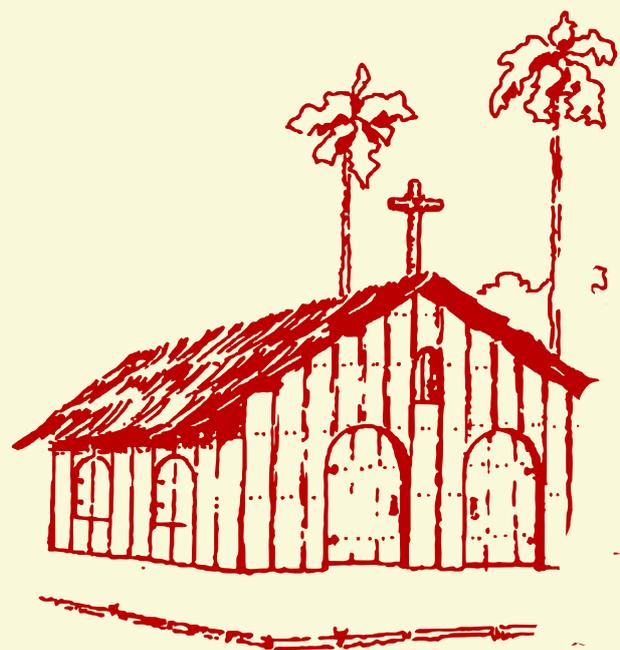
Noélia da Silva Miranda de Araújo

FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES E LIDERANÇAS QUILOMBOLAS
DE SAPÊ DO NORTE EM CONCEIÇÃO DA BARRA - ES

Produto acadêmico apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na linha de pesquisa Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão escolar.

Orientadora: Prof^a Dr^a Patrícia G. Rufino Andrade

Vitória
2020





Formação de professoras/es e lideranças quilombolas de Sapê do Norte em Conceição da Barra - ES

Curso de formação para lideranças e professoras/es quilombolas: “Narrativas, Histórias Africanas e Afro-Brasileiras na Educação Quilombola”: Entrelaçando Saberes

Organização: Noelia da Silva Miranda de Araújo

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7571260233826507>

Orientação e organização: Dra. Patrícia Gomes Rufino de Andrade

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2327451507961703>

Correção: Tânia M^a Leone Loureiro Marques

Capa: Gió Araújo

Projeto gráfico e diagramação: Sabrina Martins Cardoso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Araújo, Noelia da Silva Miranda de
Formação de professoras/es e lideranças quilombolas de sapê do norte em
Conceição da Barra - ES [livro eletrônico] / Noelia da Silva Miranda de Araújo. -- 1.
ed. -- Vitória, ES : Nsoroma Editora : Patrícia Gomes Rufino de Andrade, 2021.

PDF

ISBN 978-65-992717-3-1

1. Conceição da Barra (ES) - Descrição 2. Educação 3. Liderança 4. Quilombos - História 5. Professores - Formação profissional I. Título.

21-54348

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores : Formação contínua : Educação 370.71

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO - PPGMPE
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES**

REINALDO CENTODUCATTE

Reitor

ETHEL LEONOR NOIA MACIEL

Vice-Reitora

NEYVAL COSTA REIS JUNIOR

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

CLÁUDIA MARIA MENDES GONTIJO

Diretora do Centro de Educação

ROGÉRIO DRAGO

Vice-Diretor do Centro de Educação

ALEXANDRO BRAGA VIEIRA

Coordenador do Programa de Pós-Graduação de Mestrado
Profissional de Educação

TÂNIA MARA ZANOTTI GUERRA FRIZZERA DELBONI

Coordenadora Adjunta do Programa de Pós-Graduação de
Mestrado Profissional de Educação



Apresentação

Quando iniciamos o diálogo sobre formação quilombola, discussão originária de nossos percursos no campo e nos movimentos de extensão do Programa “Territórios e Territorialidades Rurais e Urbanas no Espírito Santo, Noélia talvez ainda não sonhasse com uma proposta de produto e nem de longe imaginaria quais seriam minhas provocações e o quão satisfatório seria vivenciarmos a experiência da produção coletiva do texto **FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES E LIDERANÇAS QUILOMBOLAS DE SAPÊ DO NORTE EM CONCEIÇÃO DA BARRA – ES.**

Como professora formadora na Educação do Campo com interface para os territórios socioculturais, os saberes do campo e o enfrentamento ao racismo, nada melhor do que nos embrenharmos nessa fonte tão rica de saberes e experiências. Penso que o momento político nos exige muito e que, no mínimo, é preciso que saibamos dialogar. Sim, dialogar, trazendo pertencimento, argumentos necessários para construção coletiva de um currículo com pertencimento.

Quando iniciamos este processo de escrita, ainda em 2019, durante o curso de formação, o que mais nos atraiu e creio que seja recíproco, foi a possibilidade de não termos nada pronto de antemão, apenas delimitamos alguns objetivos para discuti-los junto dos professores e especialistas que nos acompanhavam. Longe das impressões e “verdades” sobre as formações, o desafio foi justamente nos despirmos de nossas concepções estereotipadas, levando professoras, professores, militantes, técnicos a nos acompanharem



e tornarem real nosso sonho sobre a concepção de um material de apoio curricular para Formação de Professores Quilombolas e para construção de um Currículo Quilombola.

Ouvir os participantes foi o primeiro passo. O que os levou a estarem presentes neste curso? a sustentarem suas participações (com mínima desistência) e ainda quais seriam os objetivos e proposições a serem trabalhadas? Sobre os desafios, tivemos muitos! Muitos foram os questionamentos desde a organização política, à participação, sobre o cumprimento da carga horária, sobre a necessidade de devolverem as atividades feitas, conforme solicitado. Foi um processo intenso, complexo, contínuo, mas necessário.

Aos poucos fomos aplainando as dúvidas, devolvendo as perguntas e construindo respostas. Parte de nossas respostas foram registradas aqui como produto a ser devolvido tanto para as comunidades, os professores, quanto para as secretarias de Educação que necessitam ampliar as discussões sobre os territórios quilombolas, suas perspectivas, historicidades e realidades.

Foram 10 encontros formativos. A cada encontro tentamos ao máximo construir possibilidades de trabalhos em sala de aula, subsidiando discussões com práticas cotidianas. Os encontros foram divididos em temáticas organizadas em diálogos, sensibilização e oficina temática. Essa organização serviu para que os cursistas reconhecessem os tempos das/entre as atividades podendo assim organizarem-se em relação à necessidade do trabalho prático para ser levado diretamente à sala de aula. Nas temáticas 01 e 02, falamos sobre a Lei 10.639/03 e o Movimento Quilombola, basicamente tratando aspectos políticos e históricos dos conteúdos raciais. Já os terceiros e quarto tópicos (03 e 04) direcionaram as discussões para Gênero, Estética e Territorialidades. Como podemos pensar os territórios e as questões culturais presentes nos mesmos, como possibilitarmos estes diálogos? Os tópicos 05 e 06 discutiram as tradições, os saberes tradicionais e a estética dos patrimônios nacionais. Já, nos tópicos 07 e 08, fizemos referências sobre Racismo religioso e as interlocuções sobre Patrimônio Cultural na Educação Quilombola. Os tópicos 09 e 10 serviram para escrita dos projetos pedagógicos desenvolvidos nas escolas. Observamos que, naquele momento, a grande questão era a necessidade de interlocução entre as comunidades para que estas trocas de experiências se tornassem possíveis.

Tenham uma excelente leitura, nós agradecemos a todo este grupo por nos transformarem em educadores melhores e nos fazerem pertencer a essa essência geradora das comunidades tradicionais no campo da Educação e, à Noélia, um caloroso axé por aceitar essa missão tão grandiosa de ser formadora de formadoras/es!

Prof^a Patrícia Rufino

Agradecimentos



Como diz Conceição Evaristo, “é tempo de nos aquilombar, é tempo de caminhar em fingido silêncio, e buscar o momento certo do grito”.

Ariane Godinho Almeida, Ariane Meireles, Chayeny Lima Bertholini dos Santos, Delma Santana de Jesus, Desirée de Moraes Rabello Rodrigues Silva, Dionnys da Conceição Assis, Domingas Veronica Florentino dos Santos, Edilza Santana de Jesus Freire, Ezinete Moreira do Rozaria, Geanis Gomes dos Santos, Genilda Cassiano, Gessy Cassiano, Gilvany de Oliveira Miranda, Heraldo Plothegeer, Isabel Elisa dos Santos Lopes, Israel Alves Souto, Josineia Serafim Blandino, Kelly Nay de Souza Guilherme, Ludimila dos Santos, Maria Amélia (jogoeira), Marcia Fontoura dos Santos Duarte, Micaela Moara M. Pestana, Natan Santana dos Santos, Nilceia Mota Alves, Patrícia Rufino Andrade, Renato Cardoso Maciel, Rosangela da Conceição, Rosângela Severo Timbohyba, Sarita Faustino, Sandra A. Rocha, Selma Adriana Carneiro de Souza Pinto, Sidineide Vidigal Reginaldo, Soraya Silva Rodrigues Santana, Thaynara Angelo, Tatiana Rosa, Terezino Trindade Alves, Vanuza Guimarães Pimenta, Veratriz Souto Campos, Wallace Linhares Julio, William Soares.

São esses nomes que brilhantemente entrelaçaram conosco nessa trilha formativa, até mesmo os/as que não concluíram o curso, saibam que vocês também contribuíram nessa composição. Orientadora, lideranças, formadoras/es, colaboradoras/es, professoras/es, motoristas, técnicos pedagógicos, coordenadora, estagiárias, monitoras, foram vocês que permitiram e garantiram esse compromisso com a educação quilombola e as relações étnico-raciais.

Obrigada por cada passo dado, pelas narrativas compartilhadas, pelos projetos desenvolvidos respeitando a nossa ancestralidade e valorizando o espaço formativo criado nesse coletivo. Agradecemos a queridíssima Sidineide Vidigal Reginaldo, coordenadora da Comissão de Estudos Afro-brasileiros de Conceição da Barra, pois o seu comprometimento com as pautas da educação das relações étnico-raciais potencializou a seriedade dessa formação.

A todas e todos, nossa gratidão pelos afetos, pelos caminhos vividos e laços criados. Sigamos na luta!

Noelia da S. Miranda de Araújo

Sumário

INTRODUÇÃO	09
1. PENSANDO OS CONCEITOS: TEXTOS E CONTEXTOS	11
2. TRILHAS METODOLÓGICAS: PENSANDO E ORGANIZANDO A FORMAÇÃO	19
2.1. CAMINHOS QUE SE REVELAM NO CAMINHAR JUNTAS/OS	20
2.2. ESTRUTURA DA FORMAÇÃO:	20
2.3. E NOS CAMINHOS EXISTIRAM PEDRAS - BYTE E TERA E MUITA SUPERAÇÃO	23
2.4. COMPOSIÇÃO TEMÁTICA E DISCUSSÕES DA FORMAÇÃO	25
3. OS RESULTADOS DA FORMAÇÃO: UMA BREVE APRESENTAÇÃO DOS PROJETOS DESENVOLVIDOS PELOS/AS CURSISTAS	35
3.1 REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO FORMATIVO DA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA	46
3.2 RESULTADOS ESPERADOS DESSE PRODUTO	48
3.3 MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS: ENTRELACANDO SABERES E CONSTRUINDO AFETOS	49
REFERÊNCIAS	71
ANEXO A	76
ANEXO B	77
ANEXO C	78
ANEXO D	79
LISTA DE IMAGENS	83
LISTA DE TABELAS	83

Introdução

Este ebook é o produto da pesquisa intitulada: “ENTRELAÇANDO SABERES E NARRATIVAS: FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES E LIDERANÇAS QUILOMBOLAS EM CONCEIÇÃO DA BARRA-ES” iniciada no ano de 2019, tendo como objeto de estudos a formação de professoras/es quilombolas. O documento a ser apresentado apontará a construção e olhares sobre uma formação que teve como participantes, as/os professoras/es da educação quilombola, lideranças e técnicos da Secretaria de Educação de Conceição da Barra.

Essa formação de professoras/es e lideranças quilombolas se engaja nas demandas encontradas nas pesquisas no programa de extensão, “territórios e territorialidades rurais e urbanas: Processos organizativos, memórias e patrimônio cultural afro-brasileiro nas comunidades jongueiras do ES”.

Esse programa foi desenvolvido em (2012-2013), numa perspectiva coletiva e interdisciplinar, com um grupo¹ de professores/as pesquisadoras/as e estudantes das áreas de Antropologia/Ciências Sociais, de Artes e de Educação, envolvendo os Centros de Ciências Humanas e Naturais (CCHN/UFES), Artes (CAR) e Educação (CE), buscou estimular a organização e mobilização nas comunidades jongueiras do Estado do Espírito Santo, fomentando a construção de políticas públicas de apoio a essas comunidades¹.

Deste modo, em 2012, no II Encontro de jongueiros do ES, foram construídas e aprovadas as propostas e diretrizes dos jongueiros para política de salvaguardas das culturas das comunidades tradicionais, debate resultado das oficinas e atividades que envolveram lideranças e mestres, nos tópicos 13 e 14 desse documento, apresentaram a demanda de um programa de educação patrimonial nas escolas das comunidades,

1 No ano de 2012, o Programa de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com apoio do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo (Secult), desenvolveu duas oficinas de mobilização e organização comunitária para as regiões do sul e norte do Estado do Espírito Santo, com o objetivo de estudar e estimular a auto-organização dos grupos, memórias e patrimônio cultural das comunidades jongueiras do Espírito Santo e elaborar subsídios que fomentem a construção das políticas públicas de apoio a essas comunidades. Nessas oficinas, os grupos organizaram um documento intitulado: “CARTA DE PROPOSTAS DOS GRUPOS DE JONGOS E CAXAMBUS DO ESPÍRITO SANTO PARA A SALVAGUARDA DE SEU PATRIMÔNIO CULTURAL” composto por demandas de políticas públicas de salvaguardas de suas culturas e tradições. Entre essas demandas, a formação de professoras/es para assegurar as leis 10.639/03 e 11.645/08. O antropólogo Dr. Osvaldo Martins Oliveira, membro do grupo de trabalho programa e das oficinas, destacou (2019) na banca de qualificação dessa pesquisa que, desde 2009, o grupo demarcava essa necessidade formativa.

além da necessidade de formação de professoras/es e produção de materiais a partir da lei 10.639/03 que apresenta a obrigatoriedade do ensino das histórias africanas e afro-brasileira no currículo das escolas públicas e privadas do país.

Uma das estratégias encontradas foi a oportunidade de oferecer a formação continuada para professoras/es e lideranças que atuam diretamente e indiretamente na educação quilombola. Deste modo, a formação intitulada: “NARRATIVAS E HISTÓRIAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS NA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA”: ENTRELACANDO SABERES teve um público composto por profissionais e lideranças que trabalham nas comunidades quilombolas e alguns componentes que atuam em escolas urbanas já que também requerem um olhar sensível para a educação das relações étnico-raciais, pois recebem estudantes quilombolas e de outros grupos étnicos. A redação desse trabalho apresentará uma breve apresentação do entrelaçar da formação construída por muitas mãos. Mãos de mulheres(na maioria) e homens que resistem à opressão, e todos os dias afluem-se para a vida em suas comunidades.

Recordar é preciso

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso.

O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.
Sou eternamente naufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas.

Conceição Evaristo - “Poemas da recordação e outros movimentos”. 2008



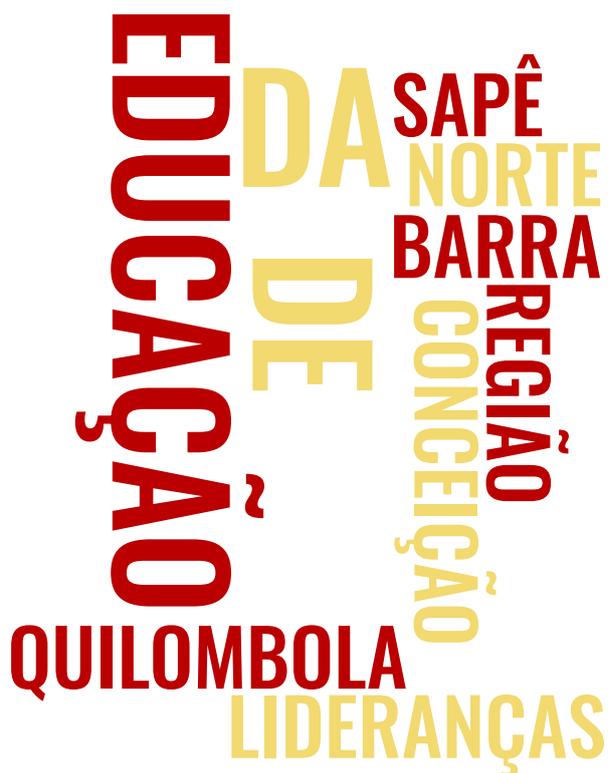
1. Pensando os conceitos: Textos e Contextos

O Sapê do Norte ocupa uma área entre São Mateus e Conceição da Barra. Esse território já foi ocupado por cerca de 12 mil famílias distribuídas em quase 100 comunidades quilombolas. O processo histórico dessa região demonstra como essas comunidades foram expulsas de seus territórios, principalmente, no processo de colonização e durante o processo de imigração europeia na tentativa de embranquecimento da população, projeto patrocinado pelo Estado, e também durante o regime militar nas décadas de 60 a década de 80. No entanto foi a partir de 1980 que, em nome do “progresso”, se intensificou a destruição das matas da região para construção de pastos (criação de bois), plantio de cana de açúcar e expansão da monocultura de eucalipto.

A realidade consiste em grandes áreas devastadas, desaparecimento das águas e comunidades que ainda lutam pelo direito à terra, enquanto o capital cresce e tensiona os territórios quilombolas. Esses territórios possuem suas especificidades as quais estão carregadas de culturas, histórias de resistências locais advindas do histórico do povo negro, tradições, saberes outros atrelados às questões das relações étnico-raciais no Brasil. São dimensões que precisam estar no currículo, mas também nas formações dos profissionais da educação quilombola.

Gomes (2003, p.169) apresenta o debate da complexidade que travamos no que compete à formação para as relações étnico-raciais:

A articulação entre a produção teórica educacional sobre o negro e a



produção que tem sido realizada por diferentes áreas do conhecimento sobre a mesma temática poderá nos ajudar a descobrir novas dimensões da realidade racial brasileira? O conhecimento dessas dimensões não poderá ser incorporado como mais uma competência dos educadores nos seus processos de formação? Sem dúvida, os questionamentos acima nos mostram que essa não é uma tarefa fácil. Para realizá-la será preciso entender e considerar a importância da articulação entre cultura, identidade negra e educação. Uma articulação que se dá nos processos educativos escolares e não-escolares.

As pesquisas de Larchert e Oliveira (2013) apontam que ainda existe “pouca reflexão sobre as relações étnico-raciais na escola das comunidades quilombolas no país”. Destacam ainda que essas questões não possuem o mesmo olhar e o tratamento em relação a outras temáticas e especificidades. E, muitas vezes, quando a temática das relações étnico-raciais aparece no contexto escolar, a abordagem acaba por invisibilizar as culturas locais e a epistemologia das comunidades. Essa negação pode ser interpretada como racismo.

Na contramão dessa negação, a formação apresentada nesse material dialogou com as comunidades e seus representantes que apontaram caminhos para uma formação que melhor atendesse seus anseios, respeitasse e valorizasse as identidades locais, as culturas, os conhecimentos e modo de ser e estar em território quilombola e, nesse percurso, tivemos possibilidades reais de fazer a escuta dos participantes buscando assertividade no desenvolvimento das ações.

Os projetos pedagógicos que serão apresentados adiante cumpriram o papel fundamental de ouvir e acatar iniciativas para transformar ou traçar reflexões nas realidades vividas, partindo das problemáticas reais dos territórios de cada participante.

Percebemos que as memórias das professoras e lideranças quilombolas demarcaram os saberes de seus territórios, trouxeram elementos essenciais de salvaguarda das culturas e tradições do povo quilombola. Memórias que alimentam e fortalecem todo histórico e contexto político, social e cultural dos participantes desse produto, pois, em suas narrativas e trabalho pedagógico, remetem ao período de escravização, mas também apresentam os territórios na atualidade, nos apontam alguns caminhos, nos fazem refletir sobre a importância de valorizar as narrativas dos mais velhos e também dos mais jovens que, em comunidade, vão modificando suas histórias, mas estão na luta constante de preservar suas histórias.

A formação de professores/as das comunidades de Sapê do Norte exigiu um olhar

especial. As professoras, na grande maioria são também lideranças, estão na linha de frente das lutas e são as primeiras a sofrerem o racismo e o machismo advindos das estruturas sociais. As narrativas das/os participantes apresentaram vários registros das memórias, da ancestralidade e saberes que cada um/a levou para o espaço da formação. A região de Conceição da Barra-ES, conforme último censo demográfico, é composta de pessoas na sua maioria negros e pardos, isso reforça ainda mais a necessidade da implementação da lei 10.639/03 e 11.645/08.

Estas leis apontam a obrigatoriedade do ensino de conteúdos de História e Cultura Africana nos currículos da Educação Básica. A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) nº 9394/96, alterada no art. 26A, pela lei 10.639/03, traz a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio das escolas oficiais, públicas e privadas.

A lei 11.645/08, que também altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Desta forma, resta a implementação dessas leis, pois percebemos que nossa realidade brasileira é marcada pela exclusão do povo negro aos meios de acesso ao trabalho, ao direito de cursar o ensino superior, a ter direito à habitação entre tantas outras problemáticas. As leis supracitadas fazem parte do direito à aprendizagem dos estudantes, trata-se de currículo, de conhecimentos que afetam diretamente as relações étnico-raciais na sociedade e não é ético negar esses direitos aos estudantes.

Estudos apontam que, no índice de reprovação escolar, a maioria são crianças e adolescentes negros/as. Segundo as análises de pesquisadoras como Patto (2009) da área de avaliação e psicologia no Brasil, o fluxo de índices de repetência, desistência da escola está diretamente ligado ao racismo estrutural em que as escolas estão inseridas.

O aspecto político-pedagógico desse trabalho proporcionou o debate e ações para a construção de uma educação antirracista e decolonial com os /as participantes da formação de professoras/es e lideranças da educação quilombola na região de Sapê do Norte, em Conceição da Barra.

Os elementos dessa formação proporcionaram a reflexão sobre como as memórias coletivas são importantes. Foram valorizados os detalhes que surgiram nas formações, nas narrativas e nos projetos, trazendo histórias antigas, desde a formação das comunidades, até as lutas atuais, proporcionando a necessidade de olhar para o passado e compreender o presente. Halbwachs (1990) afirma que é na memória coletiva que o passado é constantemente reconstruído e fertilizado, ao mesmo tempo, em que ele é ressignificado. Ou seja, a memória coletiva é compreendida como forma de história

vivente, ela vive, principalmente, por meio da tradição, que é o maior quadro em que os conteúdos se atualizam e se articulam entre si. Desse modo, os quilombos são territórios em que as memórias coletivas vivem, transformam, resistem e são carregados de significados da ancestralidade vivida e aprendida ali. Pontuaremos alguns conceitos a seguir para elucidar os conceitos de quilombo, raça e racismo e modos de se pensar os territórios e seus processos históricos.

a) Quilombo

Registra-se que o conceito de quilombo se refere a espaços de resistência, de preservação de culturas, modos de participar na vida em comunidade, espaço no qual os sujeitos veem possibilidades de se agregar a uma organização social, física, cultural e política. Por muito tempo, o quilombo foi visto como espaço organizado por negros fugitivos, sem dar ênfase à luta por liberdade. No entanto, acreditamos que a apropriação dos territórios, hoje denominados quilombos, faz parte da resistência negra, das estratégias de sobrevivência e desejos de se reerguerem como indivíduos “livres”.

A discussão a respeito dos quilombolas teve agenda precisa a partir da Constituição Federal de 1988 na qual o artigo 68 do (ADCT) - Ato das Disposições Constitucionais Transitórias reconheceu as propriedades das terras onde viviam os povos quilombolas. Desse modo, o Estado passou a ter a obrigatoriedade de emissão de títulos. Todavia, até os dias de hoje, ainda temos a disputa pela terra, a marca da força capitalista que sufoca as comunidades com grandes plantações de eucaliptos, descaracterizando os territórios e pressionando a população quilombola. O discurso da política de regularização de territórios quilombolas está intrinsecamente ligado ao de reconhecimento identitário das comunidades tradicionais compostas por negros e negras que concebem a classificação remanescente de quilombos como categoria de representação étnica. E, assim são fortalecidos os movimentos de luta por direitos ao território, valorização das culturas, direitos civis entre outros.

No que se refere às terras quilombolas, o direito à propriedade é dado ao coletivo, ao grupo e não individualmente, isso devido à legislação brasileira considerar os direitos sociais de determinados grupos étnicos, logo, o direito à terra é para os membros do grupo. A promulgação da Constituição Federal de 1988 trouxe, ainda, o debate para se pensar outro conceito de quilombo e a sua atualização emanou fervorosamente durante a redemocratização. No norte do Espírito Santo, os processos de ressemantização do quilombo também aconteceram em consonância aos movimentos negros e com apoio de religiosos católicos negros. Oliveira (2011, p.153) acrescenta ainda que:

Um exemplo desse processo foi a renomeação, na década de 1980, de parte do perímetro urbano do distrito de Sant'Anna, no município de Conceição da Barra, como Bairro Quilombo Novo. A área urbana de Sant'Anna se formou no local onde existiu, no passado, o antigo quilombo do Negro Rugério e, com o movimento de consciência negra em relação às lembranças do passado, que ocorreu na localidade na década de 1980, surgiu a iniciativa política de renomear uma área do distrito como um resultado deste “trabalho da memória”, que transforma em “novo” o que era antigo e confere legitimidade ao que é “novo”, fundamentando-o em lembranças, tradições e referências culturais do “passado”.

Munanga (1996, p.3) nos afirma que a palavra quilombo (kilombo) tem origem nas línguas dos povos bantus, o que significa que há muito o que se estudar a respeito, contudo ele realça “alguns ramos desses povos bantus cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra. Trata-se dos grupos lunda, ovimbundu, mbundu, kongo, imbangala etc. cujos territórios se dividem entre Angola e Zaire”. Aponta, ainda que, mesmo que quilombo (kilombo) seja uma palavra de língua umbundu, seu conteúdo, enquanto instituição sociopolítica e militar, é resultado de uma longa história envolvendo regiões e povos, destaca que as histórias dos quilombos mostram os processos de conflitos dados pelas relações de poder, de cisão dos grupos, de migrações em busca de novos territórios e de alianças políticas entre grupos alheios.

Leite (2000) ressalta que, nos últimos vinte anos, os negros brasileiros têm se organizado em associações quilombolas, lutam pelo direito à permanência nas terras ocupadas e cultivadas, pensadas na moradia, práticas de suas crenças, tradições e sustento. As narrativas dos participantes dessa pesquisa apontam como é a organização das comunidades na atualidade, quais as problemáticas que as atingem diretamente enquanto lideranças e professores/as. No entanto, as problemáticas apontadas pelos participantes demonstram como atua o racismo no dia a dia. Desse modo, apresentamos nesse trabalho, o conceito de racismo e raça que selecionamos para compreender os enredos dessa formação.

b) Racismo e Raça

Munanga (2003) aponta que estamos entrando no “terceiro milênio carregando o saldo negativo de um racismo elaborado no fim do século XVIII aos meados do século XIX”, destaca, ainda, que o racismo é abordado a partir da raça, dentro das razões

lógicas e ideológicas que foram amplamente difundidas a partir de 1920. Para ele, a divisão da humanidade em raças caracterizou a hierarquização das raças, construindo e postulando o racismo. Deste modo, concebemos racismo e raça na visão de Munanga (2003, p.5) que diz:

Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estes últimos suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo à qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas.

Nesse contexto, Gomes (2005) ressalta que é de grande importância destacar o papel dos movimentos sociais, em particular do Movimento Negro, pois esse percebeu a necessidade de redefinir e redimensionar a questão social e racial no Brasil, ampliando a pauta para a “dimensão e interpretação políticas”, nessa nova ordem, os movimentos cumpriram e cumprem com denúncias e novas leituras da realidade social e racial, bem como, dedicaram esforços para reeducar o povo, via meio político e acadêmico. Acrescenta que devido à diversidade de posicionamentos, ideologia e vieses políticos, os conceitos de raça e racismo apresentam várias interpretações e discordâncias entre os intelectuais. Gomes (2005, p.52) define o racismo como:

[...] um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente

aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira.

Logo, o Movimento Negro, aliado a alguns sociólogos, preocupa-se em utilizar o termo raça sem empregar a ideia de raças superiores ou inferiores como utilizado no século XIX nas teorias racistas. Mas preocupa-se em trazer essa nova interpretação, dialogando no campo social e político para a desconstrução do racismo que existe no Brasil e que foi construído relacionando aspectos físicos e estética negra dos grupos, hierarquizando-os e desqualificando-os de acordo com essa estética.

Hall (2006) afirma que o termo raça é uma categoria discursiva, não sendo ela biológica ou genética, ressalta que a organização dessa categoria é composta pelos sistemas de representação, práticas sociais, jeito de falar. E, sendo do campo discursivo, utilizará as diferenças físicas, textura capilar, características físicas corporais e cor da pele como marcas simbólicas e essas características serão utilizadas para diferenciar um grupo do outro. E, nesse viés, as teorias racistas sustentaram e sustentam que existe a raça superior (branca) e raça inferior (negra). Deste modo, negam nossos corpos negros, nossas culturas e saberes, tentam hegemonizar uma nação constituída por diferentes etnias, no entanto de maioria afro-brasileira.

A potencialidade das ações trouxera as narrativas e saberes dos quilombos, outras histórias e reflexões. Essas, muitas vezes, negadas pelas práticas de uma educação tradicional, de viés eurocentrado que, historicamente, invisibiliza o povo negro, suas culturas, ciências, tradições e saberes. Pensando nessa problemática é que os objetivos dessa formação foram construídos.

Notamos, ainda, a necessidade de alavancar os estudos relativos à formação de professoras/es e lideranças das comunidades tradicionais rurais quilombolas dessa região, proporcionando meios de potencializar os saberes e conhecimentos das comunidades. No entanto, elencamos alguns objetivos para se pensar e desenvolver a formação de professoras/es e lideranças quilombolas.

Objetivos gerais:

1º Ampliar as possibilidades de trabalho pedagógico baseado numa educação antirracista, reconhecendo a importância das narrativas da comunidade na prática pedagógica.

2º Incentivar o uso de recursos e suportes pedagógicos que ampliem as possibi-

lidades de trabalho tais como o uso de sequência didática, quadrinhos, tirinhas e literaturas africanas e afro-brasileiras, fazendo o entrelaçar dessas histórias com as contadas pela comunidade quilombola.

Objetivos específicos:

1º Oportunizar a visibilidade dos saberes e narrativas das professoras/es e lideranças das comunidades envolvidas.

2º Desenvolver um produto no formato de revista pedagógica comentada com a divulgação dos resultados dos projetos e ações (dos/as participantes em suas comunidades) desencadeados durante essa pesquisa- ação.



2. Trilhas metodológicas: Pensando e organizando a Formação

A metodologia traçada para a formação de professoras/es e lideranças quilombolas considerou o processo dialógico que permitiu o exercício das práxis no campo da proposição e desenvolvimento da intervenção social. Para a efetivação dos encontros, trabalhamos com parceria de lideranças quilombolas da localidade, parcerias de componentes das pastas formativas das relações étnico-raciais do município de Serra e Vitória, parceria com componente da Secretaria de Cultura do ES – SECULT, NEAB-UFES, pessoas que dedicaram dias de sábados para estar conosco nesse compromisso acadêmico nascido no ventre dos movimentos sociais do Estado do Espírito Santo.



Imagem 1. - 1º Encontro Formativo- Março de 2019.

Fonte: Acervo da autora.

2.1. Caminhos que se revelam ao caminhar juntas/os

Desde o primeiro contato/reunião com a equipe envolvida para apresentação da proposta formativa, observamos a necessidade de propor uma formação ampliada. Ao ouvirmos as necessidades do Município, ficou decidido que esse curso deveria ter carga horária estendida com prática de intervenção formativa que valorizasse o campo da educação quilombola. Deste modo, optamos por uma carga horária de 120 horas. Para tal, escolhemos as estratégias pedagógicas que mais se adequassem a essa proposição, além de pensar como seria possível o contato direto com as comunidades envolvidas, promovendo uma formação na qual os sujeitos envolvidos trouxessem as pautas e necessidades de temas e problemáticas de suas vivências nas comunidades. Logo, houve uma construção planejada para se pensar/fazer/sentir não só a formação, mas toda a pesquisa envolvida.

Após a escuta sensível do grupo, fase em que fizemos o mapeamento dos temas de interesse e necessidades formativas, observamos que os temas eram diversos. Alguns dialogavam entre si e foi assim que montamos um cardápio formativo com os eixos de estudos apresentados pelo grupo, selecionando 10 temas a serem contemplados em 10 encontros presenciais com 8 horas de duração cada um. Esse tempo foi complementado por estudos individuais, atividades reflexivas a partir das problemáticas de seus territórios e desenvolvimento dos projetos de intervenção. Totalizaram-se 120h de formação. Iniciado o curso, estreitamos as relações em muitos encontros presenciais e muitas mensagens trocadas por e-mails, Whatsapp, plataforma Classroom. Essa interação oportunizou a aproximação entre o grupo de participantes, algo que não foi desfeito após o término da etapa formativa. Criou-se um vínculo importante envolvendo respeito, responsabilidade, compromisso, profissionalismo e afetividade.

2.2. Estrutura da Formação

1º ponto: ouvir o interesse e foco na formação, o que querem ver, ouvir e vivenciar:

Para iniciar a compreensão do que o grupo de inscritos desejava, fizemos algumas perguntas dentro do formulário de inscrição. A finalidade era mapear alguns elementos para apresentação do material impresso (sobre o projeto de formação). Assim, os resultados nos apontaram o que o grupo desejava vivenciar no formato de formação. Dialogamos com a primeira pergunta: “Por que desejam participar da

formação”? As respostas foram tabuladas para melhor compreensão e estão apresentados na tabela abaixo:

Tabela 1. - Tabela com respostas agrupadas de interesses similares.¹

Fonte: Autora, 2019.

Respostas agrupadas por similaridades de temas e interesses	Quantidade	Percentual
Para adquirir conhecimento	2	0,74%
Porquê, precisamos muito entender e fortalecer as leis 10.639/03 e 11.645/08, no município, sobretudo fazendo um trabalho sério nas escolas, buscar mais conhecimentos para trabalhar em sala de aula. Expandir a cultura e combater o racismo e a segregação. Para enriquecimento da prática pedagógica e contribuir com os saberes	27	96,3%
Uma área que tenho interesse e pela qual sou apaixonado	2	0,74%
Atuo na área de Filosofia.	1	0,37%
Para fortalecer as minhas raízes africanas	1	0,37%
Porque tenho um sonho de trabalhar com a educação das crianças da comunidade.	1	0,37%
Porque tenho um sonho de trabalhar com as crianças da minha comunidade	1	0,37%
Porque acrescentará no meu curriculum, pois estou cursando licenciatura em educação do campo	2	0,74%
Total:	37	100%

¹ 37 Pessoas interessadas no curso, responderam o formulário google, mesmo tendo apenas 30 vagas.

2º ponto: Anseios que vieram da base, dos movimentos sociais das comunidades

Os anseios citados acima não divergem das demandas evidenciadas na carta de propostas e diretrizes apresentadas em 2012 no II Encontro de Jongueiros do ES, ou seja, a hipótese, por hora, é que são demandas antigas, ainda não superadas na formação desses participantes, professores/as e lideranças. Apontamos que o trabalho não é fácil, mas também não é impossível, requer estrutura física de qualidade nas escolas quilombolas, materiais adequados que dialoguem com a comunidade, de uma rede de colaboração entre Equipes da Escola x Secretaria de Educação x Comunidade e parcerias com as Instituições de Ensino Superior, requer espaços formativos que concebam as leis na sua integralidade inclusive a de formações específicas para os profissionais que atuam na educação quilombola.

3º Ponto: A rede de solidariedade e o compromisso social

Para a organização do espaço formativo, contamos com a colaboração efetiva de duas técnicas da Secretaria de Educação que junto à coordenação da CEAFFRO disponibilizaram tempo para recepcionar, cuidar com respeito e zelo de todas/os participantes e colaboradoras/es das formações. Para a efetivação dos encontros, trabalhamos com parceria de lideranças quilombolas da localidade, parcerias de componentes das pastas formativas das relações étnico-raciais do município de Serra e Vitória, parceria com componente da Secretaria de Cultura do ES – SECULT. Pessoas que dedicaram dias de sábados para estar conosco nesse compromisso acadêmico nascido no ventre do Movimento Negro do Espírito Santo.

Destaca-se a rede de solidariedade, companheirismo e ética entre as/os participantes. Não foi raro encontrar projetos que fizeram intercâmbio com outras comunidades, mostrando a beleza e a força de uma união comunitária. Não coube a nós, nesse momento, fazer as análises dos conteúdos dos projetos e sequências desenvolvidas, nem mesmo avaliar o que diz respeito aos estudantes, pois nosso foco foi a formação de professoras/es e lideranças. Contudo, é notório, a cada linha dos projetos escritos e desenvolvidos, percebermos as/os estudantes, a participação dos mesmos, o interesse e o desenvolvimento das ações, sendo elas de relevância impactando positiva e diretamente a vida das escolas e das comunidades envolvidas.

Vale ressaltar que o grupo formativo foi constituído, majoritariamente, por mulheres negras, quilombolas ou descendentes de quilombolas que apresentam em suas histórias as marcas de exclusão das políticas públicas, muitas buscaram a primeira formação em instituições privadas e alçaram voos para a educação pública, pois acreditam que essa faz a diferença na formação humana, oportuniza sonhos e conquistas.

2.3. E nos caminhos existiram pedras - byte e terra e muita superação

(...) Todo biit, byte, e tera.
Será força bruta a navegar,
Será nossa herança em terra! Amanhecerá!
De novo em nós!
Amanhã, será?
(Teatro Mágico)

Sobre essa força bruta e gigante, as tecnologias e conectividade digital atravessaram ou perpassaram nossos caminhos no desenvolvimento da formação. Devido à distância física (250 km) entre as proponentes da formação e demais participantes, decidimos utilizar 40h da formação destinada às atividades virtuais, tais como, escritas das memórias, projetos de intervenção social, orientações, interações, além de um ambiente virtual para postagem de materiais de apoio como vídeos, literaturas afro-brasileiras e africanas, leis das políticas afirmativas, livros teóricos, teses e dissertações sobre educação quilombola etc.

Tivemos muitas dificuldades iniciais devido ao acesso às redes digitais que, infelizmente, não são democráticas. Os “bytes e tera” ainda são forças a vencer num país com marcas profundas da desigualdade social, aliados a outras barreiras excludentes apresentadas por muitas professoras e lideranças que moram nos territórios quilombolas. Porém, com organização e parceria junto à coordenação da Comissão de Estudos Afro-Brasileiro do município – CEA Afro, os trabalhos foram desenvolvidos de forma colaborativa, aguardando o tempo e as possibilidades de participação de todas/os/os/as envolvidas/os no processo.

Sabendo das dificuldades de acesso à internet que nem sempre se conecta, priorizamos trabalhar com datas prolongadas, favoráveis para todas/os, no que se refere às postagens das tarefas/atividades/projetos/interações na plataforma Google. Um processo que também envolveu novas aprendizagens, pois as/os participantes se debruçaram no processo de aprendizagem de utilização dessa sala de aula virtual, por meio de orientações e tutoriais que disponibilizamos, de modo coletivo e, em alguns casos, em atendimento individual.

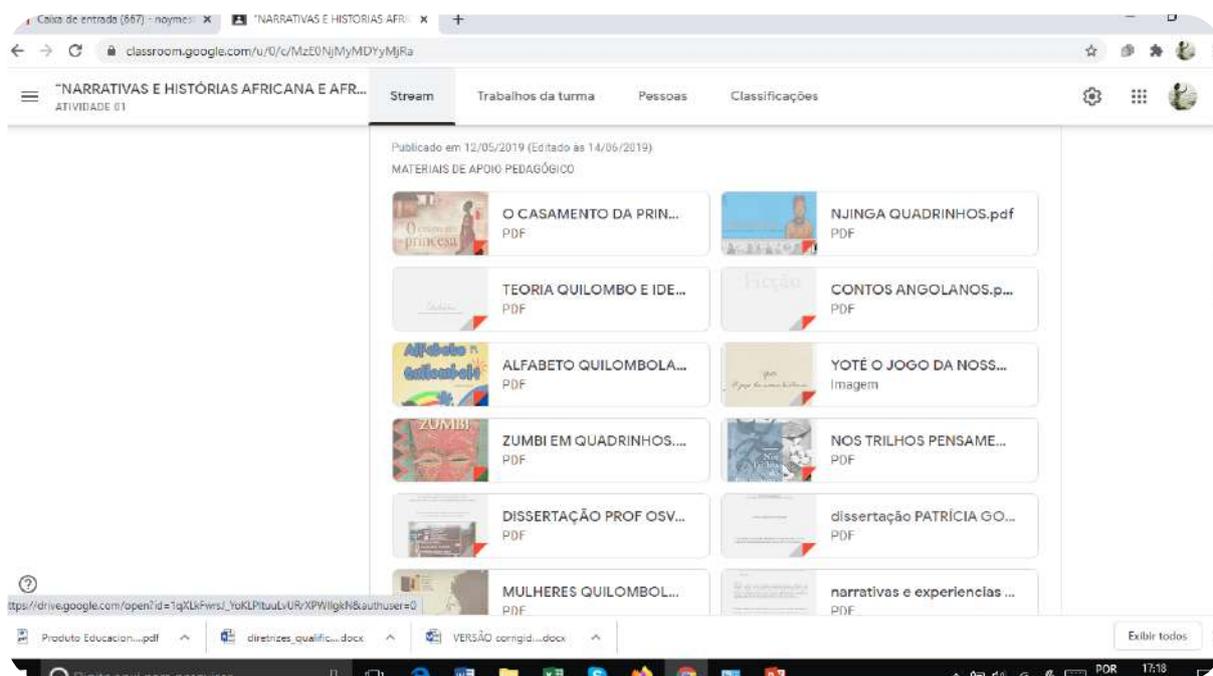


Imagem 2. - Captura de tela da (Classroom) Google sala de aula (aba de post de materiais de apoio).

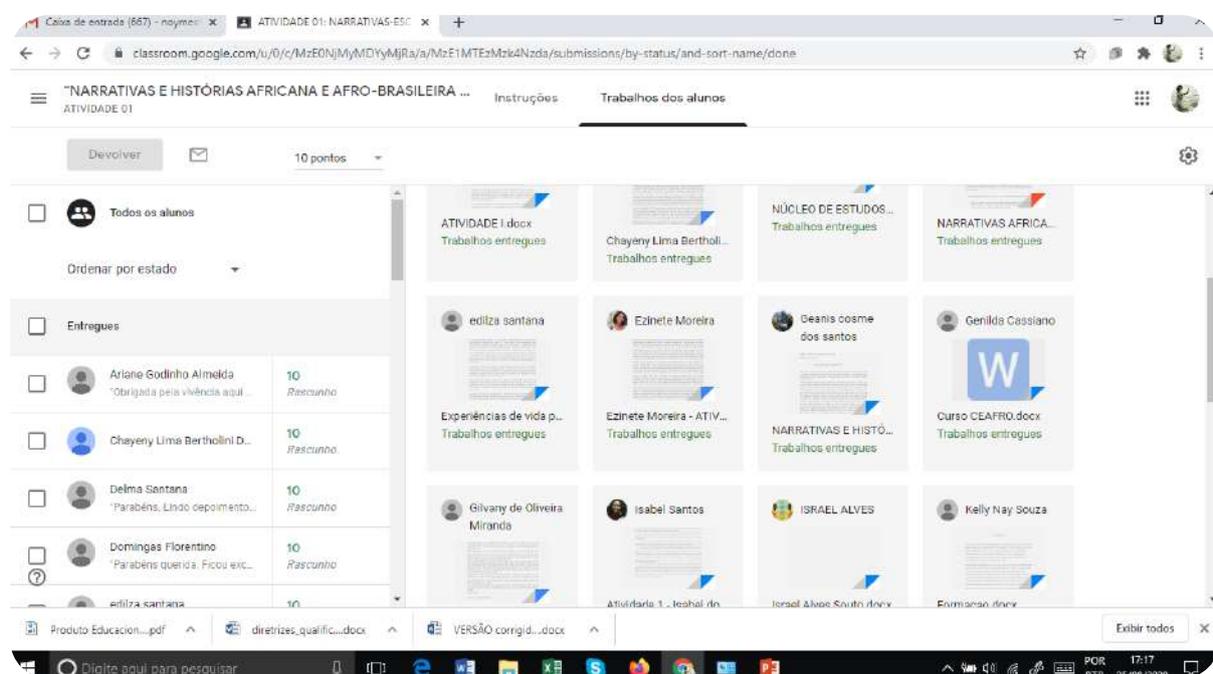


Imagem 3. - Captura de tela da (Classroom) Google sala de aula/aba de postagens de tarefas das/os participantes

2.4. Composição temática e discussões da formação

Tabela 2. - Ações e Temas: Resumo dos Conteúdos Trabalhados.

Fonte: Autora, 2019.

AÇÕES E TEMAS: RESUMO DOS CONTEÚDOS TRABALHADOS	DATAS	COLABORADORES/AS FORMADORES/AS
<p>Contato/reunião com a Secretaria de Educação de Conceição da Barra - ES - Reunião de equipe com representantes da Educação quilombola, Secretaria de Cultura, Programa de Pós-Graduação de Mestrado profissional em Educação – PPGMPE- Ufes, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros NEAB- Ufes e Comissão de Estudos Afro-Brasileiros-CEAFRO de Conceição da Barra.</p> <p>Assinatura de termo de responsabilidade assinado pela orientadora e coordenadora do NEAB-UFES(2019) e entregue à Secretaria de Educação de Conceição da Barra -ES</p>	25/02	Equipe da Secretaria de Educação Coordenação do NEAB-UFES Coordenação da CEAFRO-C. B Mestranda do PPGMPE-UFES
<p>Inscrições dos/as profissionais e lideranças das escolas quilombolas que participaram da formação. (ON-LINE) via formulário Google e presencial via CEAFRO do Município.</p>	10/03 a 23/03	Coordenação do NEAB-UFES Coordenação da CEAFRO - C.B Mestranda do PPGMPE-UFES
<p>1º ENCONTRO FORMATIVO: Momento de Escuta do grupo de cursistas participantes da formação</p> <p>Palestra de abertura: Relações étnico-raciais no currículo da educação quilombola</p> <p>Escuta das professoras/es quilombolas, professoras/es de escolas urbanas e lideranças quilombolas.</p> <p>(O que queremos, o que podemos construir juntas/os?)</p>	30/03	Dra. Patrícia G. Rufino de Andrade e Mestranda Noelia Miranda

Seleção de eixos temáticos a serem desenvolvidos ao longo dos encontros. Os temas foram abordados e discutidos de acordo as preposições apontadas previamente nas inscrições.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, P.G.R. A Educação do negro na comunidade de Monte Alegre – ES em práticas de desinvisibilização da cultura popular negra. Dissertação de mestrado-PPGE-UFES.2007. 192p.

ANDRADE. P.G.R. Olhares sobre jongos e caxambus: Processos educativos nas práticas religiosas afro-brasileiras. Tese de doutorado.PPGE-UFES.2013.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 29ª edição. 1987.

2º ENCONTRO FORMATIVO:

O contexto das leis 10.639-03 e 11.645-08

(Círculo de diálogo) Apresentação e discussão das leis supracitadas que trata da obrigatoriedade das histórias africanas e afro-brasileira no currículo das escolas públicas e privadas do país.

Levantamento de problemáticas que afetam o trabalho docente no que tange a educação quilombola e suas especificidades.

Referências:

Brasil. LEI Nº 12.288, de 20 de Julho de 2010. Estatuto da igualdade racial disponível em 10 de novembro de 2018.

BRASIL. Lei Nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

13/04
Matutino

Dra. Patrícia G. Rufino
de Andrade
e Noelia Miranda

BRASIL. Resolução Nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar quilombola na Educação Básica. Brasil. 2017

Atividade presencial: Processo escrito
(Anexo: A)

Movimento Quilombola

Diálogo sobre a importância histórica do Movimento Quilombola da região de Sapê do Norte e Contextualização histórica na luta pela ressemantização do “conceito de quilombo”.

Aula expositiva e reflexões a partir dos Vídeos: Educação quilombola: Profa Dra. Nilma Lino Gomes

Referências:

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre Algumas Estratégias de Atuação.** In: MUNANGA, Kabengele.(org.). Superando o Racismo na Escola. 2ª Ed. rev. Brasília:SECAD, 2005. p.143-154.

_____. **Cultura Negra e Educação.** Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/-Jul/Ago, nº 23, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.pdf>

_____. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos.** Revista Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr, 2012. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/currículo-e-relaçõesraciais-nilma-lino-gomes.pdf>

MUNANGA. K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Palestra proferida no 3º Seminário Nacional de Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03.

13/04
Vespertino

Dra. Patrícia G. Rufino
de Andrade

3º ENCONTRO FORMATIVO:

Raízes africanas; a imagem e a afirmação da estética negra/mulher negra e resistência

Início do diálogo com a sensibilização do tema: "*voltar-se para si: práticas de ensino para as relações étnicorraciais como práticas de liberdade.*"

Oficina: Cabelo duro?

Oficina 1: Exposição sensorial com caixas fechadas com cabelos de várias texturas na qual as/os participantes sentiam com as pontas dos dedos as texturas e depois relatavam o que sentiram, concluindo que por mais crespos que eram, todos os cabelos eram macios e que a palavra "duro" enquanto textura não se aplica aos cabelos crespos.

Debate acerca do vídeo com performance: "**Identidade e afrontamento/ Bombril, com a artista Priscila Rezende.**"

Performance "Bombril": nesse trabalho, Priscila Rezende e demais artistas usam seus próprios cabelos para esfregar objetos metálicos para questionar a inferiorização que o negro é submetido devido a sua estética.

Vídeo Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=AGXeK5Car-U>

O grupo dialoga sobre o racismo que a população negra sofre frente a sua cor, cabelos e culturas, principalmente as mulheres que frente ao ato de racismo tem seu corpo inferiorizado em detrimento do padrão hegemônico e eurocentrado de beleza imposto na/pela sociedade.

Vista como subalterna a mulher negra é agredida pela sociedade, sendo violentada de todas as formas possíveis, a naturalização dessa violência é fruto do racismo e machismo vigente, desta forma, como pensar uma educação que possa romper com esse ciclo?

18/05

Ms. Tatiana Gomes Rosa
e Noelia Miranda

Reflexões a partir do vídeo/documentário da história de Maya Angelou. E ainda resisto. Conta a história da ativista negra.

Annie Henderson, seu nome na infância. Quando tinha 8 anos, ela foi estuprada pelo namorado da mãe em St. Louis, e isto levou a anos de mudez. Aos 15, Maya tornou-se a primeira motorista negra de ônibus em São Francisco em anos posteriores, ela se tornou a primeira mulher negra a ser roteirista e diretora em Hollywood. Na década de 1950 - quando surgiu com o pseudônimo "Maya Angelou", foi atriz, cantora e dançarina, lutava pelos direitos das mulheres e igualdade racial nos Estados Unidos.

Disponível na Netflix

Oficina 2: Práticas pedagógicas antirracista a partir da Literatura infantil e infanto-juvenil

Pensando a construção de Sequência didática e projetos pedagógicos na perspectiva das leis 10.639/03 e 11.645/08

O grupo fez o levantamento das problemáticas das suas comunidades e em seguida dialogaram sobre a didática e suas ferramentas, logo as práticas dessa oficina foi planejar a construção e toda estrutura de uma sequência didática e projeto pedagógico considerando os valores civilizatórios afro-brasileiros: ancestralidade, corporalidade, territorialidade, oralidade, circularidade, religiosidade, memória e musicalidade.

Atividade: (anexo B)

Referências:

FANON, Frantz. **Peau noire, masques blancs (Pele negra, máscaras brancas)**. Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

Nogueira I. B. **Psique & Negritude. Os Efeitos Psicossociais do Racismo**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2008.

<p>4º ENCONTRO FORMATIVO: Território quilombola e Educação quilombola:</p> <p>Conhecimentos a partir das vivências, das memórias e culturas dos territórios. As/os participantes fizeram a cartografia da região e depois apresentaram seus territórios para o grupo presente</p> <p>Atividade: Registro das possibilidades de ações que podem ser desenvolvidas para contribuir na valorização desse território, a partir da temática dialogada no estudo do dia. (anexos 03)</p>	<p>01/06 (Matutino)</p>	<p>Profa. Dra. Patrícia Rufino- Ufes</p>
<p>Questões ambientais na comunidade quilombola. (Paisagens das comunidades quilombolas)</p> <p>Oficina: Pensando o território: Memórias afetivas e territorialidade (anexo 4)</p> <p>Referências: Hall, S. <i>A identidade cultural na pós modernidade</i>. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP & A. 2006.</p>	<p>01/06 (Vespertino)</p>	<p>Dra. Patrícia G. Rufino de Andrade –Ufes</p>
<p>5º ENCONTRO FORMATIVO: Os saberes e fazeres da comunidade- Tradições Narrativa e experiência geográfica: caminhos metodológicos do programa escola da terra capixaba na educação do campo</p> <p>Prof.a Dra Patrícia Gomes Rufino Andrade Prof. Dro Júlio de Souza Santos Prof.a Ms. Thayana Caus Wanderley</p>	<p>15/06</p>	<p>Dra. Patrícia G. Rufino de Andrade - Ufes</p>

<p>6º ENCONTRO FORMATIVO: Ticumbi, Patrimônio Cultural e Educação quilombola</p> <p>A liderança Gessy destacou os trabalhos realizados nas comunidades, grupos de mulheres, grupos culturais, desafios em ser mulher quilombola, de religião de matriz africana, realçou e encorajou na luta pela terra, ressaltou o enfrentamento às estruturas racistas e a problemática da intensificação das grandes empresas de plantação de eucaliptos que suprime e oprime a população quilombola da região.</p> <p>Natan destacou os projetos que envolvem os grupos dos patrimônios culturais da região. (Jongo, Reis de boi e Ticumbi). Destacou os enredos e histórias que compõe essas expressões culturais.</p> <p>Contextualizou o processo do Jongo na região, apontou a história da mesa de Santa Bárbara aliado às práticas da Cabula, bem como o processo de desaparecimento da mesma, relacionando esse desaparecimento ao desmatamento e sigilo do ritual, no qual nem todos aprendiam, pois eram perseguidos e punidos pelo Estado.</p> <p>Referências: HALL, S. Critical dialogues in cultural studies. What is this 'black' in black popular culture? (que "negro" é esse na cultura popular negra?). Londres, Nova York: Routledge, 1996.</p>	<p>06/07</p>	<p>Lideranças: Natan Santana dos Santos e Gessi Cassiano</p>
<p>7º ENCONTRO FORMATIVO: Enfrentamento ao racismo religioso.</p> <p>A formação trouxe reflexões de como os vários tipos de racismo se apresenta na sociedade brasileira, principalmente no que tange às religiões de matrizes africanas. Que são alvo de ataques em todo</p>	<p>27/07</p>	<p>Ariane Meireles –Doutoranda em Educação e Sarita Faustino dos Santos- Especialista em Educação das Relações-Étnico-Raciais.</p>

país. Os estudos aprofundaram em compreender como foi a construção do racismo religioso no Brasil e como esse racismo opera na atualidade.

Referências:

Nascimento F. W. **O fenômeno do racismo religioso: desafios para os povos tradicionais de matrizes africanas.** Revista Eixo, Brasília, v. 6, n.2 (Especial), p. 51-56, nov. 2017.

Caputo S.G. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças do candomblé.** Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

Anderson Ribeiro Oliva. **Tecendo redes antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Deus. L. O. de. **Por uma perspectiva afrorreligiosa: estratégias de enfrentamento ao racismo religioso.** Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2019.

8º ENCONTRO FORMATIVO:

Patrimônio Cultural

Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial.

O debate trouxe reflexões e informações sobre o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, apontando os princípios que orientam a política federal de salvaguarda, alavancando ainda a reflexão sobre o que é patrimônio? Compreendendo que o patrimônio cultural forma-se a partir de referências culturais que estão muito presentes na história de um grupo e que foram transmitidas entre várias gerações.

Ou seja, são referências que ligam as pessoas aos seus pais, aos seus avós e àqueles que viveram muito tempo antes delas. São as referências que se quer transmitir às próximas gerações.

03/08 e 17/08

Heraldo Plotegher –
Secult-Secretaria de
Cultura-ES

O colaborador ainda forneceu elementos para se compreender a organização do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC – apontou que é uma metodologia de pesquisa desenvolvida pelo Instituto do patrimônio Histórico e artístico- IPHAN que tem como objetivo produzir conhecimento sobre os domínios da vida social aos quais são atribuídos sentidos e valores e que, portanto, constituem marcos e referências de identidade para determinado grupo social. Contempla, além das categorias estabelecidas no Registro, edificações associadas a certos usos, a significações históricas e a imagens urbanas, independentemente de sua qualidade arquitetônica ou artística.

Referências:

Programa Nacional do Patrimônio Imateria I- (Decreto nº 3.551/2000)

9º ENCONTRO FORMATIVO:

Oficina de elaborações de projetos culturais, meios de captação de recursos, quais são as referências culturais categorizadas no INRC.

A formação abordou principalmente, os diversos domínios da vida social (festas, saberes, modos de fazer, lugares e formas de expressão) aos quais são atribuídos sentidos e valores de importância diferenciada e que, por isso, constituem marcos de identidade e memória para determinado grupo social. Demarcou ainda as formas de organização e categorias no Inventário Nacional de Referências Culturais- INRC: sendo considerados as celebrações, formas de expressão, ofícios e modos de fazer, edificações e lugares.

O colaborador apresentou os Instrumentos de fomento e financiamento para projetos culturais, disponibilizou de assessoria individualizada para produção

17/08

Heraldo Plotegher
Secult-Secretaria de
Cultura-ES

de projetos, se caso alguém no grupo pretendesse escrever um projeto para captação de recursos.

Referências:

Constituição Federal Brasileira. Artigo 216.1988.Brasil.

Programa Nacional do Patrimônio Imaterial-(Decreto nº 3.551/2000)

1º ENCONTRO FORMATIVO:

Encontro final para certificação.

Encontro com lideranças, professores/as na comunidade de Linharinho.

O Encontro foi um momento de confraternização, avaliação e entrega de certificação para as/os concluintes da formação.

14/10

Todos participantes



3. Os resultados da formação: Uma breve apresentação dos projetos desenvolvidos pelos/as cursistas

Incluir, nos currículos da educação quilombola, conhecimentos sobre a conceitualização de quilombo, articulação dos mesmos, terra e território, memória, ancestralidade, oralidade, trabalho e cultura são desafios que requerem organização coletiva, subsídios de outras políticas públicas como formação de professores/as para que essas diretrizes e leis se consolidem de fato, considerando que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica - Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012, instituem em seu 1º artigo que:

§ 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica:

I - Organiza precipuamente [principalmente] o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se:

- a) da memória coletiva;
- b) das línguas reminiscentes;
- c) dos marcos civilizatórios;
- d) das práticas culturais;
- e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
- f) dos acervos e repertórios orais;
- g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades de todo o país;
- h) da territorialidade. (BRASIL, 2012, s.p.)

Em 2014, o Conselho Municipal de Educação de Conceição da Barra-ES aprovou a resolução que regulamenta a Educação Quilombola do município e este documento apresenta-se em conformidade com o PME, aprovado em 2015 e, também, em conso-

nância com as Diretrizes Curriculares. O texto nos aponta alguns princípios:

I -Respeito e reconhecimento da história e da cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional;
II- Valorização da diversidade étnico-racial, religiosa, ambiental e sexual; III-Conhecimento dos processos históricos de luta pela regulamentação dos territórios tradicionais dos povos quilombolas;IV-O fortalecimento de uma relação dialógica entre escola e comunidade;
V-Assegurar que a atividade docente das escolas quilombolas seja exercida preferencialmente por professores oriundos da própria comunidade; VI- Oferecer a Educação infantil na própria comunidade, garantindo o direito de permanecer com o seu grupo familiar e comunidade de referência, evitando-se o seu deslocamento;VII-Assegurar que a EJA atenda as realidades socioculturais e a proposta pedagógicas contextualizadas levando em consideração os tempos e os espaços humanos, as questões históricas e econômicas das comunidades;VIII - Implementação de um ambiente escolar aberto, flexível e de caráter indisciplinar **[interdisciplinar]** grifo nosso. PME 2014-2024- Conceição da Barra- (2015, p. 46-47)

O trabalho da professora **Ariane Godinho Almeida** apresenta o projeto desenvolvido em escola do campo na qual atua como coordenadora da Educação do Campo. Ela relata um recorte elaborado em uma escola quilombola. Buscou valorizar o respeito às diferenças, a vida no campo, o cuidar do outro. Utilizou, como potencial didático, a literatura infantil em que destacou elementos essenciais para o bem viver em comunidade como cooperação e reconhecimento da cultura local. Vale ressaltar que as escolas quilombolas da região onde esse trabalho foi desenvolvido situam-se no campo. Deste modo, os conhecimentos geradores partiram das realidades dos sujeitos. Esse olhar para as comunidades, quando são valorizados seus saberes, soa necessário e assertivo. Conforme as reflexões apontadas por Freire (2012.p.16),

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária -(...) discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

A professora da Educação Infantil, **Desirré de Moraes Rabello R. Silva**, desenvolveu um projeto que potencializou a valorização dos cabelos crespos nas meninas negras. Percebeu, com muita sensibilidade, que a questão capilar nas meninas negras é algo doloroso, pois, desde a “tenra idade”, aprendem a não gostar de seus cabelos, já que as mídias, os filmes, as literaturas infantis, as novelas e os desenhos animados exaltam apenas um tipo de beleza, a branca. As meninas negras sofrem com o racismo e aprendem que seus cabelos e sua cor não são bonitos e ouvem dos/as colegas e, às vezes dos adultos, da escola a seguinte frase com xingamentos: “Cabelo de pico”, “cabelo de bombril”. A professora utilizou literaturas afro-brasileiras que potencializaram a crítica contra- hegemônica, selecionou e apresentou aos seus estudantes outras histórias com imagens de valorização da estética negra, trabalhando a autoestima e as culturas negras.

Ao apresentar materiais e histórias que elevaram a autoestima das meninas negras, a professora Desirée praticou uma educação antirracista que precisa se iniciar na infância, pois os sujeitos racistas buscam marcas da negritude para desqualificar os indivíduos negros e negras. São os cabelos, o tom de pele escura que despertam os olhares de “estranhamento”. Quando as crianças aprendem que todos nós somos diferentes, que os cabelos crespos e a pele escura têm sua beleza, que seus traços e sua história fazem parte da sua identidade étnica, é possível abrir outros diálogos possíveis e, assim, no futuro, essas crianças poderão questionar os processos desiguais da sociedade e buscarão seus direitos e terão a liberdade de serem o que quiserem com a estética que desejarem. Ao mesmo tempo, projetos desse molde colaboram para que crianças brancas também aprendam a respeitar as diferenças étnicas do grupo em que estiverem inseridas.

O projeto da professora **Edilza Santana de Jesus Freire** buscou um trabalho pedagógico que a afetava enquanto professora que está inserida num contexto quilombola em uma escola que recebe diferentes etnias e religiões. Logo, trabalhar as diferenças se faz necessário dando ênfase às culturas locais em que está inserida a escola e seus estudantes. Desenvolveu seu trabalho a partir da problemática local que era a necessidade de valorização da terra enquanto lugar de onde tiram o sustento, valorizando a cultura da agricultura, dando ênfase aos alimentos advindos da mandioca. Enfim, seu trabalho envolveu a valorização cultural como a arte culinária e a contribuição do povo negro na formação do povo brasileiro. Percebe-se que a professora foi além do que descreveu, pois alcançou o diálogo com a comunidade, fez intercâmbio entre comunidades e ofertou um olhar sensível para as questões importantes como a economia local da comunidade em que trabalha.

O desenvolvimento do projeto dessa professora nos faz compreender que terra, para as comunidades quilombolas, significa território de resistência e sobrevivência dos grupos étnicos.

Já a professora **Geanis Cosme dos Santos** apresentou um projeto inovador construído com e para a comunidade de Linharinho. Trata-se de readequação do espaço intitulado como “Kabula Nagores”, local criado para promoção de inclusão digital no território, no momento em construção. Segundo a proponente, esse projeto parte da necessidade de implantação de rede digital que atenderá 200 famílias da região. Tem objetivos de criar um cine clube, sites de vendas e divulgação dos produtos locais como mel, farinha, hortaliças etc. Esse projeto mostra como as comunidades não estão isoladas e anseiam por conexão com a cidade. A juventude criativa que mora nos territórios quilombolas pode contribuir nesse processo digital, ampliando as possibilidades de captação de recursos para seus territórios.

A Professora **Genilda Cassino** desenvolveu o projeto intitulado “Valorização dos conhecimentos dos saberes tradicionais da Comunidade Quilombola de Linharinho”. Ela apresenta a problemática que se baseia na necessidade de se fazer algo para preservar e valorizar os saberes que envolvem as ervas medicinais, saberes advindos das pessoas mais experientes da comunidade. O projeto foi pensado para gerar promoção de qualidade de vida da comunidade, valorizando os saberes e as tradições culturais dos povos tradicionais e a identidade quilombola. Um projeto rico em possibilidades que levou os estudantes ao campo da pesquisa, ao olhar sensível, à percepção das proximidades ancestrais que temos com o continente africano. Este projeto foi fomentado via literatura africana. Um dos objetivos do trabalho citado foi promover o sentimento de pertencimento à cultura quilombola e, para isso, a professora utilizou uma metodologia que partiu da realidade de seus estudantes. A primeira sensibilização contou e contextualizou o histórico da Comunidade Quilombola Linharinho.

A Professora **Gilvany de Oliveira Miranda** desenvolveu o projeto: “Sou da África” cujo objetivo foi a valorização dos/as estudantes negros/as da comunidade escolar onde atua ampliando os olhares para as histórias ancestrais de resistência quilombola. Um trabalho interdisciplinar que envolveu toda a equipe escolar. Encantou seus estudantes com histórias dos heróis e heroínas no processo de resistência e busca pela liberdade, mobilizou um campo complexo da atualidade que despertou o interesse dos estudantes. Destaca-se que a professora utilizou meios didáticos favoráveis à promoção de aprendizagens, pois ela fez a escuta sensível, incentivou o questionamento, fez com que os estudantes falassem o que conheciam ou imaginavam sobre o tema proposto. Outro ponto relevante foi possibilitar aos estudantes levarem o questionamento em

formato de perguntas para suas famílias e depois trazerem os pontos para os diálogos na turma. Ações que, com certeza, enriqueceram as aulas tendo em vista que os conhecimentos circularam.

A professora **Isabel Elisa dos Santos Lopes** percebeu, na turma de 8º ano, grande desmotivação para aprender a disciplina de Matemática e o racismo disfarçado de “brincadeira” que os estudantes moradores das comunidades quilombola sofriam. Desenvolveu seu projeto utilizando a história da matemática e a luta contra a segregação racial na década de 60 nos Estados Unidos. Para isso, ela teve dois objetivos: trabalhar a história da Matemática para dar sentido ao que estão estudando e, simultaneamente, apresentou figuras negras que foram importantes para a história da matemática narrando como essas pessoas lutaram contra a desigualdade e o racismo. Como ferramenta pedagógica, ela exibiu o Filme “*Estrelas Além do Tempo*” que relata a história de três cientistas negras Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson, da NASA. O filme se passa durante a década de 1960 e mostra como 3 mulheres negras colaboraram para a conquista espacial dos Estados Unidos lançando o primeiro astronauta ao espaço. A professora Isabel exercitou o diálogo e a pesquisa com o grupo de estudantes, proporcionando o debate sobre a importância do estudo da Matemática e como as mulheres negras enfrentam a segregação racial nos espaços científicos. Elementos essenciais para desmistificar a cultura racista e machista na nossa educação na qual não se destacam a ciência e tecnologia desenvolvidas pelas mulheres negras.

O professor **Israel Alves Souto** e a gestora **Veratriz Souto Campos** desenvolveram um projeto que incentivou os/as estudantes na aceitação de suas identidades, elevando a autoestima, respeito à diversidade e valorização das expressões culturais da localidade de Itaúnas. Destacou-se a promoção de estudos das plantas medicinais existentes na biodiversidade local. A escola local é marcada pela pluralidade étnica. Os estudantes, em maioria, são filhos de indígenas, quilombolas e pescadores. Neste projeto, exploraram-se os saberes dessa comunidade que, segundo os proponentes do projeto, estão sendo esquecidos. Desta forma, houve os objetivos de fortalecer e influenciar no crescimento e valorização da cultura local tanto nas “manifestações das danças folclóricas, quanto na prática medicinal do dia a dia”, ou seja, um trabalho que envolveu dois temas que se entrelaçam e são de muita relevância nas comunidades tradicionais. O trabalho supracitado nos faz repensar sobre o que significa trabalhar as diferentes etnias dentro do espaço escolar. Concebe-se etnia, ainda na perspectiva de Hall (2006, p 62),

A etnia é o termo que utilizamos para nos referenciar aos às características culturais, língua, religião, costume, tradições,

sentimento de lugar, que são partilhados por um povo.

É no diálogo com Gomes (1999) que reiteramos que o cotidiano escolar se constrói para além de conteúdos, processos avaliativos e normas e demais burocracias. “a escola está impregnada de diversidade cultural”. Quando a autora e o autor desse projeto ressaltam as diferentes etnias que compõem o cenário da escola, significa que são muitas vozes que precisam ter seus direitos sociais garantidos e coube à escola exercer a boniteza do exercício de valorização dessas diversidades, valorizando a pluralidade étnica, cada uma dentro de suas dimensões humanas.

A professora **Josineia Serafim Blandino** desenvolveu, na comunidade São Domingos, uma sequência didática com o tema: “Autoestima com alunos negros”. O mote foi a problemática do discurso discriminatório e racista que as crianças enfrentam desde bem pequenas. Para a professora, trabalhar as memórias e costumes tradicionais da comunidade elevou a autoestima e pertencimento quilombola de seus estudantes. Para esse trabalho, ela utilizou um plano de aula interdisciplinar e a base das discussões foram histórias quilombolas como a de Silvestre Nagô, Constância de Angola, Chico Danta, Negro Rugério e Zacimba Gaba. Trazer essas histórias para a sala de aula ofereceu outros olhares sobre a própria história da comunidade já que se fez perceber que a resistência negra não é de agora, ela tem histórico, e, no Brasil país marcado pelo processo de escravização, as histórias apresentadas pela professora ainda não estão nos livros didáticos, pois foram neles só há lugar para histórias eurocêntricas. Ressalta-se que a condução de aulas nesses moldes pode incentivar os estudantes a buscarem suas histórias partindo da sua ancestralidade.

A Liderança **Kelly Nay de Souza Guilherme** desenvolveu um projeto que envolveu uma pesquisa cujo título já nos diz muito: “Entre lembranças há esperanças”. Trabalhou as lembranças dos jovens sobre a comunidade quilombola de Santana. Para o início de suas atividades, ela elaborou a seguinte questão: “Quais são as consequências do não reconhecimento/conhecimento da própria identidade local nas crianças e adolescentes da comunidade em que se vive?”

Dessa forma, Kelly recolheu materiais riquíssimos para análise e possibilitou que os jovens percebessem as modificações do território, alterações na infraestrutura. Alguns desconheciam que residiam em um território quilombola e outros recontaram histórias e culturas herdadas de seus antepassados. A liderança acredita que é preciso valorizar o histórico das resistências dos antepassados para que não se percam direitos conquistados e que também possam lutar por direitos futuros. Um trabalho valioso de uma jovem liderança que se dedicou à ação de escutar os jovens, enfrentando a pro-

blemática do não reconhecimento da “identidade local”. Baseados nos estudos de Hall (2006), podemos afirmar que a identidade é formada ao longo do tempo, ela é mutável, ainda que por mecanismos ou processos inconscientes. Para ele, a identidade permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sendo formada. Desta forma, o trabalho desenvolvido por Kelly nos dá esperanças de que a reflexão apresentada tenha potência para mobilizar esses/as jovens a compreenderem o significado e importância do pertencimento a uma comunidade quilombola.

Márcia Fontoura Dos Santos Duarte apresenta um projeto de valorização das identidades de sua turma visto que as diferenças marcam a escola onde existem estudantes que representam várias etnias. Deste modo, o trabalho envolveu o pensar o “eu e o outro, respeitando as diferenças”. A proposta de trabalho desenvolvida na Educação Infantil do Município buscou valorizar a beleza negra, as histórias quilombolas e literaturas afro-brasileiras. A professora apresenta a preocupação de se iniciar o debate antirracista na Educação infantil. Isso nos alerta quanto à importância de pensarmos metodologias que atendam às especificidades dessa faixa etária, pois crianças vivenciam o racismo desde tenra idade, muitas são silenciadas, oprimidas e, muitas vezes, é a própria escola que corrobora com práticas racistas na visão de que se a discriminação advém das crianças pequenas os casos de racismo podem ser levados “na brincadeira”.

Cavalleiro (2012), em sua pesquisa de mestrado, nos traz importante reflexão quando relata que constatou, em contexto escolar da educação infantil, que as crianças negras desde pequeninas apresentam identidade negativa em relação ao seu grupo étnico. Ela sinaliza dos perigos da neutralidade dos adultos frente às questões de racismo na escola, quando as crianças são xingadas por outra criança e os adultos nada fazem, naturalizando o racismo, as violências e a desigualdade de tratamento entre crianças negras e crianças brancas.

A professora **Micaela Moara Moraes Pestana** apresentou aos estudantes a diversidade cultural da região dando ênfase ao Jongo. Ela partiu da problemática local ao perceber que muitos estudantes não conheciam a história do Jongo enquanto herança ancestral e patrimônio cultural. O projeto envolveu estudantes do 5º ano da escola em que trabalha. Usou a interdisciplinaridade ao apontar a importância da lei 10.639/03, promoveu intercâmbio entre estudantes de outras comunidades formando uma teia de conhecimento na qual o jongo foi o propulsor de debates e valorização da identidade e cultura do jongo. Projetos assim proporcionam a valorização dos processos culturais de herança africana, visto que as culturas dos povos negros sofrem a discriminação da/na sociedade. Sabendo que as culturas são processos históricos da prática humana, nós podemos criá-la, recriá-la, transformá-la, mas nunca negar os fatores históricos

como essas culturas chegaram até nossas mãos e acesso. Desta forma, promover na escola o debate, vivências e experimentações das culturas afro-brasileiras, faz com que os estudantes se aproximem e compreendam o real valor de sua identificação como quilombola, suas culturas e processos de resistência do passado e presente.

A liderança **Nilceia Mota Alves** moradora da comunidade Roda D'Água desenvolveu o projeto intitulado: “A sabedoria dos mais velhos, construindo um futuro brilhante”. O trabalho envolveu pesquisa com escuta dos mais velhos e voluntariado. Neste projeto, ela aborda a necessidade de se apresentar para as crianças da comunidade algumas tradições e culturas locais que estão se perdendo na geração mais nova. Tais como: o respeito ao parto, a crença nos banhos de raízes, os chás, as rezas, o respeito pelos mais velhos, o respeito na semana santa, o uso da benção etc. O trabalho de Nilceia é riquíssimo, pois aponta, em sua narrativa, as dificuldades das crianças pequenas terem que se deslocar para longe de suas casas para frequentarem creche ou escola. Destaca sua luta como liderança e seu engajamento comunitário com fins de valorização das tradições e culturas de sua comunidade. Um projeto desenvolvido na sua função voluntária que aponta a atuação da educação comunitária no viés de proporcionar um olhar para o fortalecimento das relações das pessoas de sua comunidade que, por serem quilombolas, enfrentam o racismo estrutural na forma de ausência de políticas públicas, como bem apresentado na narrativa do projeto no qual a proponente destaca o fechamento da escola da comunidade em 2007.

O trabalho do **Renato Cardoso Maciel**, liderança da comunidade Meleiras, trouxe partiu de problemática da comunidade onde ele percebeu o preconceito que as danças quilombolas sofrem, com dizeres de que são danças satânicas. Desta forma, ele buscou desenvolver, na escola e na comunidade Meleiras, um projeto que valorizasse o Jongô. O objetivo foi valorizar e resgatar a cultura do jongô na região e o Renato fez esse trabalho com muita maestria, respeitando os que vieram antes, convidando o mestre jongueiro “Santo Reis” para ouvi-lo e convidando-o para participar das atividades do projeto, na escola e na comunidade. Esse trabalho valorizou a cultura do Jongô, apresentou às crianças as histórias quilombolas da região de Conceição da Barra, proporcionou vivências e experimentações que selam o compromisso em respeitar as tradições culturais do povo negro, aplicando a lei 10.639/03, contextualizando historicamente e trazendo no corpo do trabalho seu desenvolvimento, os relatos, a narrativa do mestre Jongueiro, o que enriqueceu a composição do estudo.

A liderança **Rosângela Conceição** trouxe a riqueza de se pensar a importância da permanência do uso das ervas medicinais e a Medicina Popular na Comunidade Quilombola São Domingos. Seu projeto teve como objetivos proporcionar aos estudantes

de 4º e 5º anos o reconhecimento das doenças e a quais ervas a comunidade recorre nesses momentos. Incentivou a pesquisa sobre quais ervas desapareceram da comunidade bem como a produção e o uso das ervas medicinais. Ela nos informa, ainda, sobre os problemas que afetam a comunidade no que se refere à invasão da monocultura do eucalipto e seus impactos na economia e nos aspectos sociais e culturais das comunidades da região.

A geografia dessas regiões quilombolas foi alterada ao longo dos últimos 30 anos, pois a plantação de eucaliptos e cana-de-açúcar tomaram os espaços das matas nativas, fazendo com que desaparecessem as raízes e plantas medicinais, conseqüentemente há influência no modo de se pensar as tradições ancestrais no que se refere ao uso das ervas medicinais. Esse trabalho proporciona um olhar crítico perante a ordem capitalista que afeta as regiões não só de Conceição da Barra, mas de todo o país. Deste modo, compreendemos esse projeto como símbolo de resgate às tradições e espaço de se fazer a resistência negra.

A professora **Rosângela Severo Timbohyba** desenvolveu seu projeto em um CMEI na Vila de Itaúnas. Ele apresenta o histórico da criação do CMEI trazendo detalhes importantes para se analisar a importância de espaços de atendimento às crianças pequenas nessas comunidades. Aponta a problemática que a motivou na elaboração desse trabalho. Para ela, embora a Vila seja muito valorizada devido a seu potencial turístico, percebe-se, na comunidade, a desvalorização da cultura afro-brasileira. Ela desenvolveu o projeto com objetivos de valorizar a cultura local, envolver as crianças em experiências e visitas/intercâmbio ao quilombo Angelim. Para isso, apresentou-lhes o vídeo documentário “Os Reis Quitumbis: culturas quilombolas do Sapê do Norte”, exaltou histórias de personagens negros, valorizou o jongo, a capoeira e o reis de bois. Destacamos que, quando os profissionais e lideranças apontam a problemática de desvalorização ou esquecimento das culturas afro-brasileiras em seus territórios, relembramos do que nos diz Abdias do Nascimento (1980) quando destacava que o negro precisava recuperar a sua memória, já que esta foi agredida e negada por séculos. Afirma, ainda, que a elite dominante sempre impediu o negro de assumir suas raízes étnicas e históricas e culturais. Desta forma, quando a professora afirma que os próprios nativos não valorizam suas culturas, podemos certamente afirmar que o brasileiro foi forjado no eurocentrismo, logo negar e desvalorizar as culturas afro-brasileiras faz parte do racismo estrutural em que vivemos, no qual as políticas públicas ainda não alcançaram definitivamente a luta antirracista que, nesse caso, possibilita dar visibilidade justa às culturais locais das comunidades tradicionais.

A professora, técnica pedagógica **Selma Adriana Carneiro de Souza Pinto**, de-

envolve um projeto que se intitula: DE DENTRO PARA FORA CQ – “Documentário das Comunidades Quilombolas”. Dentro desse projeto macro, ela desenvolveu as atividades relatadas nesse trabalho, sob o tema: “ÁGUAS PASSADAS AINDA MOVEM MOINHOS E HISTÓRIAS CONTADAS REGISTRAM NOSSOS CAMINHOS”. Essas atividades foram desenvolvidas na Comunidade Córrego do Macuco e, segundo a professora, teve sua problemática pensada na observação de que algumas culturas locais estão “adormecidas”. Desta forma, suas ações foram elaboradas para tentar registrar em vídeos e fotografias a cultura artesanal, a gastronomia, as danças, os cantos, causos e religiosidade dessa comunidade. Um trabalho que envolveu uma equipe comprometida em movimentar o que a comunidade tem de melhor, suas tradições culturais.

A professora, liderança e também coordenadora da CEAFFRO-Comissão de Estudos Afro-Brasileiros **Sidineide Vidigal Reginaldo**, desenvolveu um rico trabalho intitulado: Guardiões dos Saberes e Sabores quilombolas da Comunidade Quilombola de Santana-Conceição da Barra \ ES: respeito e valorização. E mais uma vez, a problemática da comunidade se dá na perda de memórias e identidade. Segundo a professora, a região recebe um fluxo de pessoas da cidade e novos desenhos sociais vão se constituindo e, nesse redesenho, as características culturais vão se perdendo também. Assim, nasce a problemática do projeto da professora Sidineide. O que fazer? Segundo a professora, na comunidade, ainda existem as pessoas mais velhas, os guardiões e salvaguardas dos saberes tradicionais. Nessas pessoas é que se apoia o fortalecimento e valorização das tradições afro-brasileiras. Assim, os objetivos foram valorizar as culturas e histórias da comunidade e promover a escuta dos mais velhos da comunidade. A construção desse projeto molda-se em um pequeno dossiê, com riqueza de informações catalogadas sobre a comunidade quilombola de Santana. Esses conteúdos e conhecimentos apresentam elementos pedagógicos para se trabalhar com estudantes e comunidade.

Já o trabalho no formato de sequência didática intitulado: “Sua história que você desconhece: Histórias e Memórias Africanas” desenvolvido pela professora **Soraya Silva Rodrigues Santana** teve como problemática a necessidade de valorização da ancestralidade africana. A autora percebeu que alguns estudantes têm vergonha de suas raízes. Segundo ela, eles/as acreditam serem inferiores, pertencentes a uma raiz “podre”. Nesse sentido, os objetivos estão permeados nas culturas e histórias ancestrais. Ela trabalhou a literatura infantojuvenil que apresenta a história de resistência da africana Zacimba Gaba, princesa, mulher guerreira que, em tempos de escravidão, foi sequestrada em Cabinda - Angola e levada para a região do Sapê do Norte - ES, de onde planejou sua fuga e lutou bravamente contra a escravidão. Fora das correntes, Zacimba liderou muitos ataques a navios negreiros ainda em alto-mar, salvando mi-

lhares de vidas que chegariam ao Espírito Santo para serem escravizadas. Quando a professora Soraya pontua a problemática encontrada em seu local de trabalho, podemos compreender como o processo de colonização deixou marcas profundas nas mentes colonizadas. O que vivemos são as ideias e heranças deixadas pelo colonialismo as quais pesquisadores da educação decolonial chamam colonialidade, pois a ideia de que o branco é superior, mais bonito e capaz ainda "educa" milhares de mentes no mundo. Isto significa que a colonialidade atua escravizando as mentes de meninos e meninas brancas e negras. No caso dos estudantes brancos/as, estes/as são levados a acreditar que só eles são possuidores de inteligência e, no caso das crianças negras, são conduzidas a modelos educacionais que as fazem acreditar que sua ancestralidade é a face da negatividade, do mal, do sujo, do ruim e desprovido de inteligência.

Portanto, trabalhar as memórias da ancestralidade negra é descortinar toda uma história de pertencimento a qual foi e é negada para negros e negras em todas as esferas do Estado. O pesquisador Abdias do Nascimento (1980) já dizia que a elite dominante (branca) sempre atuou para impedir o povo negro de acessar suas raízes étnicas, históricas e culturais. Para isso, usam-se várias estratégias, lembraremos somente da tentativa de apagamento de nossas memórias e a negação das ciências do povo negro.

A professora e liderança **Vanuza Guimarães Pimenta** desenvolveu seu trabalho demarcando a importância de valorizar suas raízes quilombolas. Para isso, buscou, nos mais velhos/as de sua comunidade, as histórias locais, identificando as ladainhas, cantigas de congo, mestres de bailes, reconhecendo-as como sabedoria dos povos tradicionais. E, no intercâmbio escola x comunidade, proporcionou aos estudantes o contato direto com sábios da comunidade. Ela afirma que a comunidade valoriza seus conhecimentos e saberes. A metodologia desse trabalho utilizou a ferramenta entrevista. Os estudantes entrevistaram Dona Luzia Serafim Blandino, Vó Maria-Carmelita Jerônimo, Sr. Berto Florentino e Doralina Serafim dos Santos. Concluiu-se que são muitos os saberes e conhecimentos ancestrais guardados por essas pessoas.

O Professor **Wallace Linhares Julio** desenvolveu o projeto intitulado: "Literatura Infanto-Juvenil: o Estudo dos Itans dos Terreiros de Candomblé na Sala de Aula em uma Escola do Ensino Fundamental na cidade de Conceição da Barra/ES". Esse é um trabalho que requer muito conhecimento, pois é preciso atuar no campo de forças estruturadas onde o racismo é validado pela cegueira da ignorância. O desconhecimento das religiões de matrizes africanas tem causado muita dor. Há desde a invasão e destruição de terreiros, como ataques violentos a pessoas praticantes dessas religiões. O estudo proposto pelo professor efetiva a aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08, trabalha assuntos e conteúdos legítimos os quais muitas vezes são abandonados nos currículos

escolares. Essa ausência gera o descomprometimento com a educação de qualidade que precisa oferecer elementos críticos para que os estudantes possam refletir e agir de maneira respeitosa, ética frente às diferenças, entre elas, a religiosa. O professor levou para a sala de aula os Itans, a cultura, religião, história e saberes que foram silenciados na educação. Esses itens apontam as histórias dos negros e negras e sua ancestralidade de resistência e afirmação étnica. Sueli Carneiro (2005) fala sobre os conteúdos que a gente quer ensinar. Destaca, ainda, que a lei 10.639/03 demarca os conteúdos negados ao longo da história do Brasil. Destaca “A gente quer falar de trazer para a escola experiências negras do mesmo jeito que as brancas vêm, que têm caráter universal, que possam servir de parâmetros para as ações humanas” (CARNEIRO, 2005, p. 188). E essas ações aparecem no trabalho do professor quando apresenta as narrativas, histórias (itans) mostrando a beleza e conhecimentos ancestrais. Um trabalho que colabora para desmistificar a demonização das histórias das religiões de matrizes africanas e proporcionar saberes de forma admirável, respeitosa e compromissada na luta contra o racismo religioso e buscando caminhos para uma educação antirracista.

3.1. Reflexões sobre a importância do espaço formativo da educação quilombola

O movimento da intervenção social apresentado nesse material evidenciou o engajamento das/os participantes na luta por uma educação antirracista e de valorização de seus territórios. Mostrou como esses profissionais e lideranças possuem saberes e conhecimentos a serem evidenciados e valorizados. A formação de professoras/es serve como potencializador que qualifica esse movimento. Ressaltamos, ainda, a importância da manutenção da Comissão de Estudos Afro- Brasileiro - CEAFFRO do município de Conceição da Barra que, ao longo da pesquisa, teve na coordenadora Sidineide Vidigal Reginaldo, mulher negra, pesquisadora, liderança na comunidade de Santana, uma grande referência para as comunidades quilombolas e propulsora dos diálogos e formações para a educação das relações étnico-raciais. Poderíamos citar todas as outras mulheres e homens de destaque que participaram desse movimento conosco. Elas/ eles brilham os resumos apresentados nesse produto.

Em destaque, as mulheres negras, lideranças que fazem da profissão esse ambiente profícuo na busca de uma educação antirracista, na implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08 e, enfim, a luta incansável por uma educação de qualidade para todas/os e, junto com elas/es, professoras/es e técnicos de outras etnias que, mesmo

atuando na cidade e atendendo estudantes oriundos das comunidades quilombolas, cumpriram sua função social ao desenvolver uma educação antirracista com respeito, compromisso, apostando no que é certo.

Quando utilizamos o termo “o que é certo”, dialogamos com Freire (1996) que deixa o legado de que para educar, o educador/a precisa pensar certo, como forma de rejeitar qualquer prática discriminatória ou preconceituosa de raça, gênero, ou qualquer “substantividade” relacionada a nosso jeito de ser e estar no mundo. Freire (1996) reafirma, ainda, que além de ofender o ser humano, o preconceito nega a democracia e destaca que:

(...) quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações... A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedade em que se faz isso em que se queimam igrejas de negros se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia (FREIRE, 1996, p.20).

São com essas reflexões acerca da formação e resultados dos projetos dessas comunidades que visualizamos a formação de professoras/es quilombolas como potencial engajador na luta antirracista. Vimos nos olhos de cada uma/um a busca de direitos iguais, carentes de olhares sensíveis, forjados em um projeto político pedagógico para formações específicas para professores/as quilombolas.

Notamos que esse movimento, com as literaturas e escuta sensível dos mais velhos e jovens das comunidades, revelou o potencial pesquisador em cada participante os quais, entrelaçando narrativas, valorizaram as histórias das comunidades, das culturas e seus processos históricos que antecedem a escravização, mas que se conecta com a África, enriquecendo os olhares para o pertencimento coletivo, compreendendo que ser quilombola é carregar consigo uma infinidade de conhecimentos ancestrais para se ter orgulho e afincado de que a luta antirracista pode ser um dos principais caminhos para se pensar políticas de salvaguardas, das culturas das comunidades tradicionais que foram representadas nesse trabalho, tais como as comunidades quilombolas de Coxi, Santana, São Domingos, Linharinho, Roda D'água, Córrego Dantas, Quilombo

Novo, Nova Vista, Angelim I, Angelim II, e ainda as comunidades de Meleiras, Itaúnas e Braço do Rio e profissionais de escolas do centro de Conceição da Barra, assim como algumas professoras na função técnica da Secretaria de Educação do mesmo Município.

As/os participantes dessa formação mostraram possibilidades e estratégias pedagógicas tendo as literaturas como ponto de partida e, com elas, ofereceram debates e ações, desde questões de afirmação de territórios, identidades, memórias, narrativas, respondendo a um dos nossos objetivos que era compreender como esses professores implementariam as leis 10.639/03 e 11/645/08.

O espaço formativo promove elementos que orientam as/os profissionais da educação, acende o senso crítico e reflexivo sobre as ações. E, no caso dos estudos das relações étnico-raciais, desmonta as ideologias racistas que desumanizaram e subjugarão a população negra bem como suas culturas, saberes, conhecimentos e tradições. O ideal é que essa caminhada seja de professoras/es quilombolas, professoras/es não quilombolas que atendem estudantes quilombolas e não quilombolas. Afinal, a luta antirracista é de todas/os nós, cabe aos nossos governantes e lideranças dos equipamentos público de ensino se debruçarem na ética e compromisso de construir um país com justiça social chegando enfim à sonhada justiça cognitiva.

A formatação das temáticas solicitadas por esses profissionais e lideranças, em sua aplicação, puderam ainda realçar as denúncias de discriminação racial existentes nas estruturas da sociedade. Também fez com que o grupo de profissionais pensasse em suas problemáticas e buscasse alternativas de reconstrução das identidades étnico-raciais não só dos estudantes, mas também dos sujeitos que compõem essas formações.

As ações apreendidas, dialogadas nas formações são direcionadas ao atendimento das/os nossos estudantes, logo, confirma para nós, pesquisadoras e participantes dessa intervenção que ainda temos muito a fazer e lutar, o caminho é longo e árduo. No entanto, ele é possível e precisa ser contínuo no viés de política pública.

3.2. Resultados esperados desse produto

Esperamos que a circulação deste produto possa fomentar o debate sobre a importância das narrativas das/os professoras/es e lideranças, aponte alguns desafios que foram superados e insuffle a compreensão de que a luta antirracista se faz todos os dias, na escola, nas comunidades quilombolas e em toda esfera política, cultural e social.

- a) Espera-se que a formação de professoras quilombolas tenha suas especificidades atendidas, conforme leis e diretrizes da educação quilombola;
- b) Que as comunidades envolvidas na formação possam reafirmar a importância que têm suas narrativas, culturas e identidades no currículo escolar quilombola.
- c) Que o poder público municipal avalie a importância de se pensar formação para os profissionais da educação quilombola atendendo suas especificidades e ouvindo as vozes das comunidades tradicionais, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica - Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012.

3.3. Memórias fotográficas: Entrelaçando saberes e construindo afetos

São com imagens e saberes que relembramos nossos encontros formativos, assim, encerramos essa etapa de escrita, muito a dizer, a sentir, a guardar. Levaremos os saberes, os afetos, a luta, a resistência e ficam os sonhos de florir o mundo com uma educação antirracista, fica a esperança de novas composições coletivas, em espaços formativos em que todas as pessoas tenham a oportunidade de construir outros olhares, para além dos conhecimentos hegemônicos.

A pessoa, o lugar, o objeto
estão expostos e escondidos
ao mesmo tempo, sob a luz,
e dois olhos não são bastantes
para captar o que se oculta
no rápido florir de um gesto.

É preciso que a lente mágica
enriqueça a visão humana
e do real de cada coisa
um mais seco real extraia
para que penetremos fundo
no puro enigma das imagens.

Fotografia – é o codinome
da mais aguda percepção
que a nós mesmos nos vai mostrando,
e da evanescência de tudo
edifica uma permanência,
cristal do tempo no papel.

(...)

Fotografia: arma de amor,
de justiça e conhecimento,
pelas sete partes do mundo,
viajas, surpreendes, testemunhas
a tormentosa vida do homem
e a esperança de brotar das cinzas.

Carlos Drummond de Andrade



Momentos formativos, espaçotempos de resistência

Imagens: Agosto a dezembro de 2019





SOU NEGRO

Solano Trindade

Sou Negro meus avós foram queimados pelo sol da África
Minh 'alma recebeu o batismo dos tambores atabaques, gonguês e agogôs
Contaram-me que meus avós vieram de Loanda como mercadoria de baixo preço
Plantaram cana para o senhor do engenho novo e fundaram o primeiro Maracatu.
Depois meu avô brigou como um danado nas terras de Zumbi
Era valente como quê
Na capoeira ou na faca escreveu não leu o pau comeu
Não foi um pai João humilde e manso
Mesmo vovó não foi de brincadeira
Na guerra dos Malês ela se destacou
Na minh 'alma ficou o samba o batuque o bamboleio e o desejo de libertação...









Comunidade de Linharinho



30 de mar de 20



1 de m







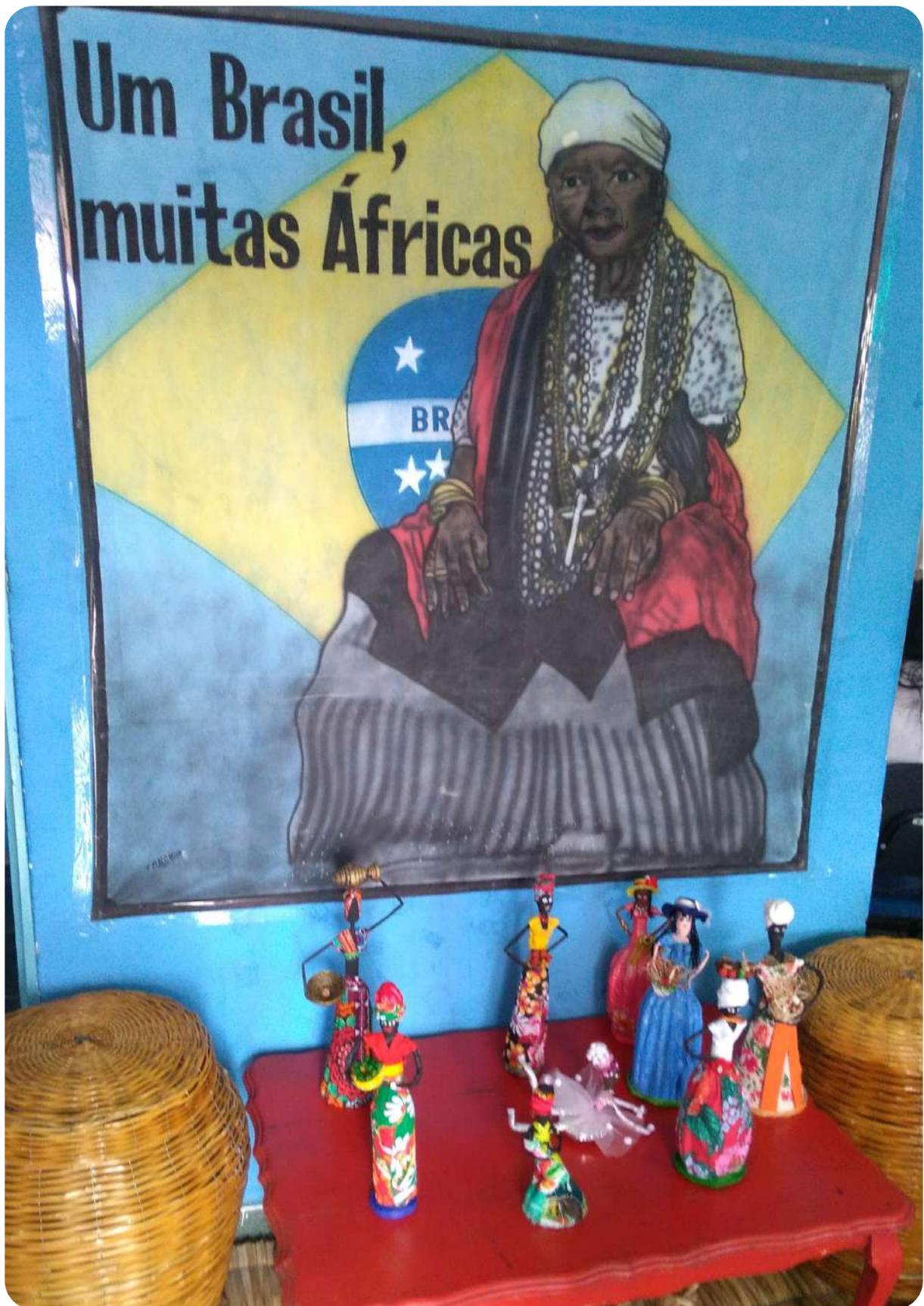
SORRISO NEGRO

Dona Ivone Lara

Um sorriso negro, um abraço
negro, Traz....felicidade
Negro sem emprego,
fica sem sossego
Negro é a raiz da liberdade

Negro é uma cor de respeito
Negro é inspiração
Negro é silêncio, é luto

negro é...a solidão
Negro que já foi escravo
Negro é a voz da verdade
Negro é destino é amor
Negro também é saudade..
(Um sorriso negro!)



VOZES- MULHERES

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

Conceição Evaristo
(*Poemas de recordação e outros*
movimentos, p. 10-11)







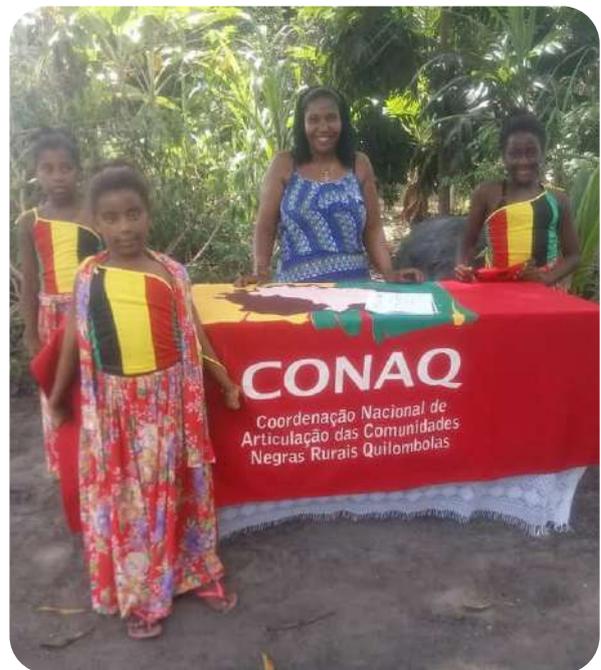
PEDRA, PAU, ESPINHO E GRADE

“No meio do caminho tinha uma pedra”,

Mas a ousada esperança
de quem marcha cordilheiras
triturando todas as pedras
da primeira à derradeira
de quem banha a vida toda
no unguento da coragem
e da luta cotidiana
faz do sumo beberragem
topa a pedra pesadelo
é ali que faz parada
para o salto e não o recuo
não estanca os seus sonhos
lá no fundo da memória,
pedra, pau, espinho e grade
são da vida desafio.

E se cai, nunca se perdem
os seus sonhos esparramados
adubam a vida, multiplicam
são motivos de viagem.

*Conceição
Evaristo -
“Poemas da
recordação
e outros
movimentos.
2008.*





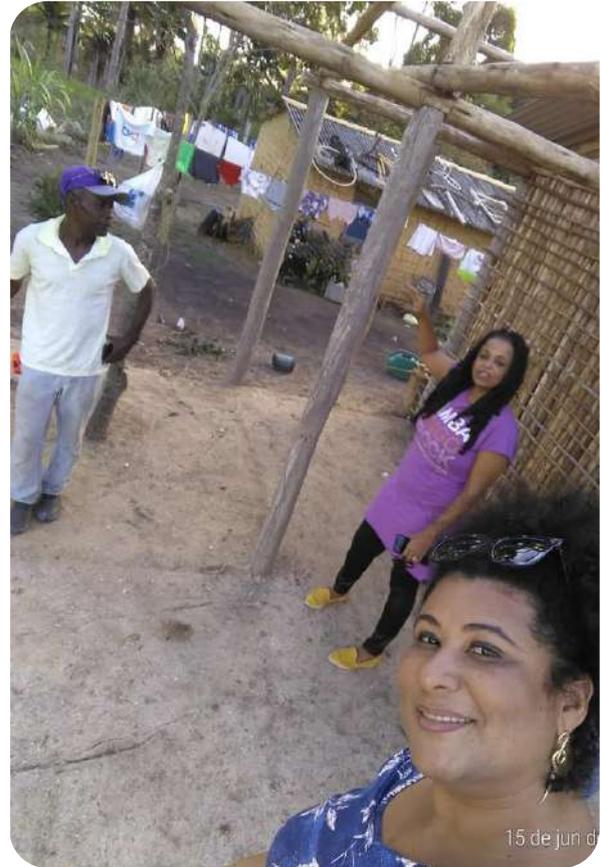




Comunidade quilombola de Linharinho – Núcleo Cassiano
Dezembro de 2019











Comunidade quilombola de Linharinho
Dezembro de 2019



Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA – ABA. **Documento do Grupo de Trabalho sobre Comunidades Negras Rurais** (Rio de Janeiro, 17-18 de outubro de 1994). Boletim Informativo NUER – Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas / Fundação Cultural Palmares – v. 1, Florianópolis: UFSC, 1997, p. 81-82.

ANDRADE, P.G.R. **A Educação do negro na comunidade de Monte Alegre – ES em suas práticas de desinvisibilização da cultura popular negra**. Dissertação de mestrado-PPGE-UFES.2007. 192p.

BARBIER, R. **A escuta sensível na abordagem transversal**. In BARBOSA, J\oaquim (Coord). In: Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p.168-199.

BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, P; STREIFF-FERNART, Jocelyne. Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora Fundação da Unesp, 1998.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BRASIL. Resolução N° 8, de 20 de novembro de 2012. **Define as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar quilombola na Educação Básica**. Brasil. 2017

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [1988]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 28 de outubro de 2018.

_____. **Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. DF: Presidência da República, [2003]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acessado em: 20 de out. 2018.

_____. **Lei nº 12.288, de 20 de Julho de 2010.** Institui o Estatuto da igualdade racial. DF: Presidência da República, [2010]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm Acessado em: 10 de novembro de 2018.

CARRIL L. F. B. Os desafios da Educação quilombola no Brasil: O território como contexto e texto. **Revista Brasileira de Educação.** v. 22. N. 69. 2017.p.540-564.

CARNEIRO A. S. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar** – racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo, Contexto, 2000.

DEBUS, E. S. D; VASQUES, M.C; A linguagem literária e a pluralidade cultural: contribuições para uma reflexão étnico-racial na escola. **Conjectura: Filosofia e Educação,** 8v. 14, n. 2, maio/ago, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 133-144, maio/ago. 2009.

DIONNE, H. **A pesquisa-Ação para o desenvolvimento local.** Vol. 16. Trad. Michel Thiollent. Brasília, D.F. Ed: Liber Livro. 2007.

FANON, F. **Peau noire, masques blancs (Pele negra, máscaras brancas).** Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

FERREIRA, S. R. B. **Da fartura à escassez: a agroindústria de celulose e o fim dos territórios comunais no Extremo Norte do Espírito Santo.** 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

FERREIRA, S. R. B. **Quilombolas do Sapê do Norte: a territorialidade revivida pela memória.** In: Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFES, 2011, Vitória – ES. Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFES, 2011. v. 1. p. 1-17.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 29ª edição. 1987.

GUIMARÃES. A. A; OLIVEIRA. O.M. **jongueiros e Caxambuzeiros no Espírito Santo - pesquisa, extensão e políticas de salvaguarda do patrimônio cultural**. V seminário internacional – políticas culturais – 7 a 9 de maio/2014. Setor de políticas culturais – fundação casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil.

GOMES, Nilma Lino & SILVA, Petronilha B. G. da (orgs.). **Experiências étnico- culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2002. pp. 79-80.

GOMES, Nilma Lino. **Rappers, educação e identidade racial**. Série Pensamento Negro em Educação. Volume 5, 1999. p.71-88.

GOMES, N.L. Superando o racismo na escola. **Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre algumas estratégias de atuação**. Brasília: Ministério da Educação, 2005

Gomes ,N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003

GOMES, N.L. **Educação e Relações raciais: Refletindo sobre Algumas Estratégias de Atuação**. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GOMES, N.L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. p. 39 - 62.

GOMES, N.L. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. São Paulo: Editora Vozes, 2017.

GONÇALVES, L.A.O E; SILVA e P. B.G. Movimento negro e educação. **Revista Scielo**. Set/Out/Nov/Dez, Nº 15. 2000. p.134-158

HALL, S. Critical dialogues in cultural studies. **What is this 'black' in black popular culture?**. Londres, Nova York: Routledge, 1996.

Hall, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP & A. 2006.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

Larchert J.M; M.W de Oliveira. **Panorama da Educação Quilombola no Brasil**. Dossiê. Revista Políticas Educativas, Porto Alegre, v. 6, n.2,2013, p.44-60

LE GOFF, J. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP. Editora da UNICAMP,1990.

LEITE, I.B. **“Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas”**. Etnográfica, Lisboa, v. IV, n. 2, p. 333-354, 2000.

MUNANGA. K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia** Palestra. Proferida no 3º Seminário Nacional de Relações Raciais e Educação-PE-NESB-RJ, 05/11/03.

MUNANGA, K. **Origem e histórico do quilombo em África**. In: MOURA, Clóvis. Os quilombos na dinâmica social do Brasil. Maceió: EDUFAL, 2001. p. 21-31.

_____. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03.

NASCIMENTO, A. do. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

OLIVEIRA, O.M de. **Comunidades quilombolas no Estado do Espírito Santo: Conflitos sociais, consciência étnica e patrimônio cultural**. RURIS, v. 5, p. 141- 171, 2011.

_____. **O projeto político do território negro de Retiro e suas lutas pela titulação das terras**. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

PATTO, M. H. S. **A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

_____. **Introdução à Psicologia Escolar.** São Paulo: Casa do Psicólogo. 1997. P208/228.1999.

SANTOS, B. S. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes.** In SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 31-83.

_____. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social** / tradução Mouzar Benedito. - São Paulo: Boitempo, 1940.

SERAFIM, O.N. V- **Escola popular quilombola de educação política e ambiental sapê do Norte:** desvelando outras práticas educativas emancipatórias no Espírito Santo. Colóquio internacional de educação, cidadania e exclusão. Anais da revista. Portal realize. 2018. p.2, 2007.

SILVA, A.C. **Movimento negro brasileiro e sua trajetória para a inclusão da diversidade étnico-racial.** Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 11, n. 17, p. 139-151, jan./jun., 2002

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2009.



Anexo A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO-PPGMPE-UFES

NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

CURSO:

“NARRATIVAS E HISTÓRIAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS NA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA”: ENTRELANÇANDO SABERES

DATA: 18/05

1ª ETAPA DO REGISTRO DA OFICINA: SEQUÊNCIA DIDÁTICA E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

- 1º PONTO: Quais problemáticas são identificadas em sua comunidade?
- 2º PONTO: O que o livro/literatura selecionado apresenta e que pode ser trabalhado dentro das temáticas da educação quilombola?
- 3º PONTO: Existe alguma memória da ancestralidade africana na história da literatura que se encontra com alguma memória/costumes/tradições da comunidade em que você vive ou atua? Quais?
- 4º PONTO: Quais conteúdos/eixos apontados no currículo da educação quilombola podem ser trabalhados?
- 5º PONTO: Quais disciplinas podem alcançar? (Pensando na prática multinível)

Anexo B



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO-PPGMPE-UFES

NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

CURSO:

“NARRATIVAS E HISTÓRIAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS NA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA”: ENTRELANÇANDO SABERES

3ª ETAPA DE REGISTRO DA OFICINA:

Roda de Conversa: Pensando o território: Memórias afetivas e territorialidade – Oficinas (Vespertino)

Data: 01/06/2019

REGISTRO COLETIVO:

Nome dos componentes / Nome da comunidade/escola

1ª - Como você lê o seu território?

2ª - Você compreende que houve alguma modificação nesse espaço? Se sim, qual?

3ª - Quais recursos naturais encontramos no território em que você vive/ e/ou trabalha? Como eles são tratados?

4ª - Como são as fronteiras desse território? Sejam elas físicas (rios, lagos, cercas, montanhas), políticas (o início e o fim de uma região) ou ainda naturais (espaçamento da vegetação, identidade climática, entre outras)

5ª - Sobre as paisagens do território, na sua memória, existe algum registro de: antes/depois

Anexo C



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO-PPGMPE-UFES

NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

CURSO:

“NARRATIVAS E HISTÓRIAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS NA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA”: ENTRELANÇANDO SABERES

3ª ETAPA DE REGISTRO DA OFICINA:

Roda de Conversa: Pensando o território: Memórias afetivas e territorialidade – Oficinas (Vespertino)

Data: 01/06/2019

ATIVIDADE PRÁTICA

1- Pensando em projetos na comunidade:

Registre as possibilidades de ações que podem ser desenvolvidas para contribuir na valorização desse espaço/território a partir da temática dialogada hoje.

Anexo D



CARTA DE PROPOSTAS DOS GRUPOS DE JONGOS E CAXAMBUS DO ESPÍRITO SANTO PARA A SALVAGUARDA DE SEU PATRIMÔNIO CULTURAL

1) AS AÇÕES DO PROGRAMA DE PESQUISA E EXTENSÃO "TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES RURAIS E URBANAS: PROCESSOS ORGANIZATIVOS, MEMÓRIAS E PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO NAS COMUNIDADES JONGUEIRAS DO ESPÍRITO SANTO"

No ano de 2012, o Programa de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), **acima referido**, com apoio do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo (Secult), organizou duas oficinas de mobilização e organização comunitária, uma para a região sul e a outra para a região norte, com o objetivo de estudar e estimular os processos organizativos, memórias e patrimônio cultural das comunidades jongueiras do Espírito Santo e elaborar subsídios que fomentem a construção das políticas públicas de apoio a essas comunidades.

A oficina de mobilização e organização comunitária da região sul foi realizada no distrito de Celina, município de Alegre, nos dias 16 e 17 de Junho, e contou com a presença de cerca de cinquenta jongueiros (as) e caxambuzeiros (as) representando dez grupos mobilizados, como segue: 1º) "**Caxambu do Horizonte**", do mestre Antônio Raimundo, do distrito de Celina, que foi o anfitrião dos demais grupos; 2º) "**Tambores de São Mateus**" da comunidade de São Mateus, meio rural do município de Anchieta; 3º) "**Grupo de Jongo de São Benedito Sol e Lua**", cidade de Anchieta; 4º) "**Caxambu Santa Cruz**", da comunidade quilombola de Monte Alegre (meio rural do município de Cachoeiro de Itapemirim); 5º) "**Caxambu da Velha Rita**", Morro Zumbi, cidade de Cachoeiro de Itapemirim; 6º) "**Caxambu Alegria de Viver**", comunidade negra Vargem Alegre, meio rural do município de Cachoeiro de Itapemirim; 7º) "**Jongo Mestre Wilson Bento**", bairro Santo Antônio, no município de Itapemirim; 8º) "**Caxambu de Andorinhas**", da comunidade de Andorinhas, em Jerônimo Monteiro; 9º) "**Caxambu da Família Rosa**" bairro São Pedro, cidade de Muqui; 10º) "**Jongo de Boa Esperança e Cacimbinha**" na comunidade quilombola de Boa Esperança e Cacimbinha, em Presidente Kennedy. A

partir do contato com essas comunidades, obtivemos informações sobre outros dois grupos: um no Córrego Amarelo, município Divino São Lourenço, e o outro no município de Guaçuí, com os quais iremos trabalhar no ano de 2013, na continuidade do Programa. Além do IPHAN, o programa contou com o apoio das seguintes prefeituras: Alegre (que cedeu o espaço da CIEC "Jaci Kobbi Rodrigues" para realização do evento e hospedagem dos participantes) e Anchieta, Cachoeiro de Itapemirim, Itapemirim, Jerônimo Monteiro e Muqui que realizaram o transporte dos mestres e integrantes dos grupos. Na região norte, a oficina de mobilização e organização comunitária ocorreu nos dias 25 e 26 de agosto de 2012, no espaço escolar "Deolinda Lage" e contou com o apoio da SECULT, do IPHAN, da Secretaria Municipal de Educação de Conceição da Barra e da Associação de Folclore do mesmo município. Estiveram presentes cinco grupos: 1º) **"Jongo de São Benedito e São Sebastião"** de Itaúnas, município de Conceição da Barra; 2º) **"Jongo de São Bartolomeu"**, da comunidade de Santana, município de Conceição da Barra; 3º) **Jongo de Santa Bárbara**, comunidade quilombola de Linharinho, Conceição da Barra; 4º) **"Jongo de Santo Antônio"**, da comunidade quilombola de São Cristóvão, meio rural do município de São Mateus; 5º) **"Jongo de São Benedito"**, cidade de São Mateus.

2) CARTA DE PROPOSTAS

As oficinas possibilitaram a interação entre os grupos nas suas respectivas regiões, pois, a dinâmica realizada proporcionou trocas de memórias, de cantos, de danças e de experiências sobre políticas públicas. Tais diálogos fomentaram a elaboração de uma **carta de propostas dos jogueiros e caxambuzeiros capixabas**, na qual estão apontadas as demandas e reivindicações a serem apresentadas às instituições responsáveis pelas políticas de salvaguarda deste patrimônio imaterial, como segue:

ITENS A SEREM APRESENTADOS POR CANUTA CAETANO

- 1ª) Solicitamos apoio no transporte dos grupos para participação em eventos (a partir do reconhecimento da necessidade de troca de experiências com outros grupos);
- 2ª) Queremos apoio financeiro junto aos órgãos competentes (IPHAN e SECULT) para aquisição e confecção de materiais de divulgação (como cartazes, faixas e banner's), de vestimentas (tecidos, aviamentos e mão de obra) e para a fabricação dos tambores;
- 3ª) Os grupos entendem que cada apresentação deve ser remunerada com um cachê no valor de pelo menos um salário;
- 4ª) Queremos a construção de sedes para os grupos e reforma dos galpões existentes;

- 5ª) Solicitamos diálogo direto com os secretários de cultura dos municípios;
- 6ª) Queremos uma linguagem mais clara nos editais da cultura e trâmites menos burocráticos em sua execução. Solicitamos também assessoria e capacitação na elaboração dos projetos e ações que estimulem os jovens a participarem na execução de tais projetos;
- 7ª) Solicitamos que as comunidades sejam informadas em tempo hábil para concorrerem aos editais;
- 8ª) Aposentadoria especial aos mestres do patrimônio cultural e assistência social aos detentores dos saberes;
- 9ª) Maior divulgação da cultura jogueira e suas festividades valorizando-a como demonstração de fé e tradição religiosa possibilitando, assim, o rompimento com os estereótipos preconceituosos;
- 10ª) Reivindicamos a implantação de pontos de cultura e casas de memória do Jongo e Caxambu em cada comunidade. A partir dessas ações e do desenvolvimento de projetos, viabilizar atividades geradoras de renda para os membros dos grupos;

ITENS A SEREM APRESENTADOS POR DILZETE NASCIMENTO (Nêga)

- 11ª) Reconhecimento da função do mestre como detentor e transmissor de um saber culturalmente herdado, assim como, articulador entre conhecimento, políticas e os integrantes do grupo;
- 12ª) Queremos apoio dos órgãos públicos e a valorização das raízes culturais do jongo;
- 13ª) A partir da Lei 10.639/2003, que as escolas desconstruam as imagens negativas e os preconceitos socialmente construídos, trazendo para o debate escolar a contribuição dos negros na história e na cultura brasileira;
- 14ª) Queremos um programa de educação patrimonial nas escolas das comunidades e remuneração para os mestres nesse programa, além de realizar formação e preparação de professores e produções de cartilhas priorizando a inserção dos educadores da própria comunidade;
- 15ª) Solicitamos investimentos e melhorias da estrutura das bibliotecas das comunidades;
- 16ª) Esclarecimento dos benefícios do certificado de reconhecimento conferido pelo IPHAN;
- 17ª) Assessoria e orientação sobre a legalização dos grupos;
- 18ª) Para as comunidades onde existem lugares sagrados como os cemitérios, como é o caso da comunidade de Linharinho, solicitamos o tombamento desses lugares do território;

19^a) Solicitamos a liberação da madeira de uma árvore chamada tambor para a fabricação do principal instrumento musical do jongo, o tambor. Reivindicamos, também, doações de mudas dessa espécie de árvore, com a finalidade de criar áreas de cultivo dessa espécie para a extração e fabricação de tambores;

20^a) Nós dos grupos de jongos e caxambus necessitamos de apoio e soluções emergenciais por parte das instituições públicas a fim de salvaguardar nosso bem cultural mais precioso, o jongo.

Documento do Programa de Extensão Territórios e territorialidades rurais e urbanas: processos organizativos, memórias e patrimônio cultural afro-brasileiro nas comunidades jongueiras do Espírito Santo. Apresentado no II Encontro de Jongos e Caxambus no Espírito Santo, ocorrido em São Mateus nos dias 2012.



Lista de imagens

Imagem 1 - 1º Encontro Formativo - Março 2019	18
Imagem 2 - Captura de tela da (Classroom) Google sala de aula (aba de post de materiais de apoio)	23
Imagem 3 - Captura de tela da (Classroom) Google sala de aula (aba de tarefas das/os participantes)	23

Lista de tabelas

Tabela 1 - Tabela com respostas agrupadas de interesses similares	20
Tabela 2 - Ações e Temas: Resumo dos Conteúdos Trabalhados	24





ISBN: 978-65-992717-3-1



9 786599 271731